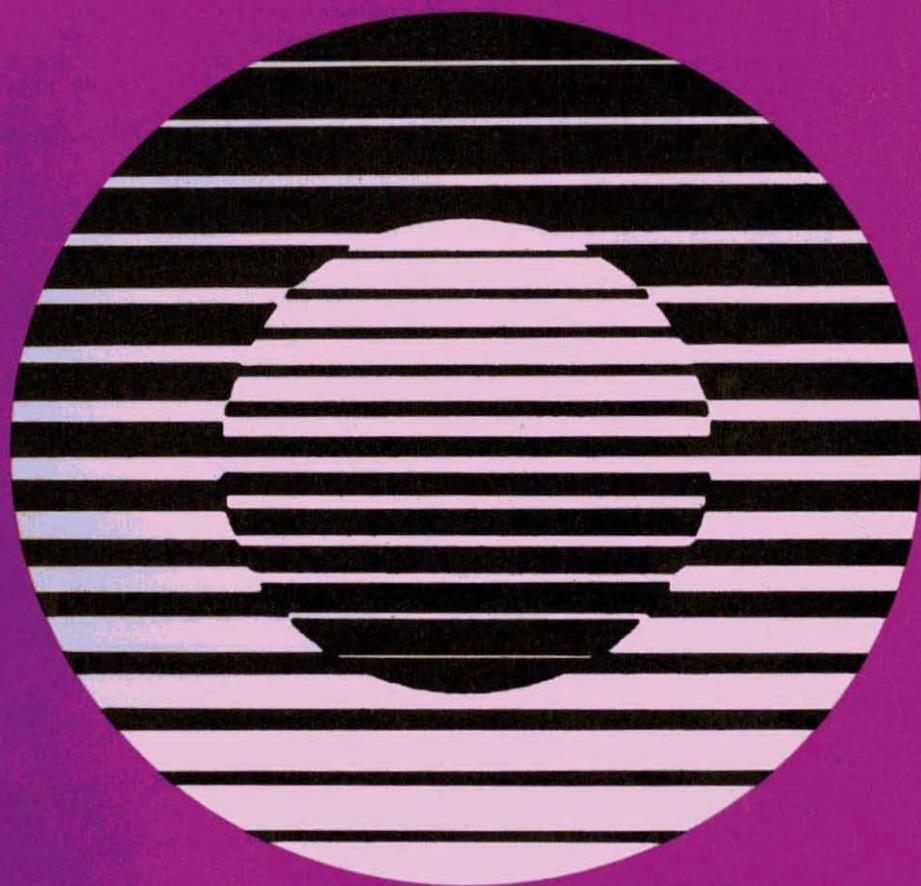


# convergencia

MAI — 1990 — ANO XXV — Nº 232



---

• **PROMOVER E ANIMAR A NOVA EVANGELIZAÇÃO**

João Paulo II — página 194

• **MARIA E A NOVA EVANGELIZAÇÃO**

Pe. Camilo Maccise, OCD — página 211

---

# CONVERGÊNCIA

Revista da  
Conferência  
dos Religiosos  
do Brasil: CRB



**Diretor-Responsável:**  
Pe. Edênio Valle, SVD

**Redator-Responsável:**  
Padre Marcos de Lima, SDB  
(Reg. 12.679/78)

**Equipe de Programação:**  
Pe. Atico Fassini, MS  
Pe. Cleto Caliman, SDB  
Ir. Delir Brunelli, CF  
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

**Direção, Redação, Administração:**  
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299 / 20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

## Assinaturas para 1990

Brasil, taxa única:	
terrestre ou aérea .....	NCz\$ 429,00
Exterior: marítima.....	US\$ 38,00
aérea .....	US\$ 48,00
Número avulso .....	NCz\$ 42,90

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

**Composição:** Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — 20911 Rio de Janeiro, RJ.

**Fotocomposição:** Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 — São Cristóvão — 20940 Rio de Janeiro, RJ.

**Impressão:** Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Centro — 25685 Petrópolis, RJ.

## Nossa Capa

Sinaliza, em instantânea percepção visual ilusória, algo como uma tela de TV, este prodigioso projetor de cenários fugidios, incapaz, porém, de revelar a realidade por trás da rapidez da luz em movimento e da imagem em ação. A TV domina o nosso cotidiano e reflete, em nossas estruturas interiores, o conjunto da trama de nosso tempo. Cada vez **MAIS se pensa MENOS sem a IMAGEM** como fator constituinte de sua expressão ou de seu processo de criação. Hoje a dinâmica telemática, com horizontes inimagináveis, ameaça aposentar o papel como suporte fi-

sico informacional. A sociedade informatizada tornou obsoletos os parâmetros unidimensionais da linha e bidimensionais da superfície. Ela quer o ESPAÇO e, por isso, o código agora é outro: antena parabólica, disquete, fotograma de vídeo, 'frame', inteligência artificial, laboratório holográfico, 'laser', osciloscópio, satélite, terminal de acesso remoto, 'transponder', etc. Utilizando avanços tecnológicos eletroacústicos, sonha-se com o som da cor e a cor do som sintetizados eletronicamente com força icônica e semântica. É no vídeo, se alega, e não na PÁGINA que a palavra, num 'clone' sincrético, se realiza plenamente. /// A Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) dispõe de uma retórica como estratégia de argumentação que busca convencer quanto à credibilidade de sua mensagem. CONVERGÊNCIA é o meio de que se utiliza. Aqui o meio já é a mensagem. SÓ, a visualização ilude, cria fantasia conceitual e nos mantém na casca de nós mesmos. A LEITURA, porém, propicia o retorno e novas interpretações. LER CONVERGÊNCIA, mensalmente, é fértil plataforma de novas possibilidades de iluminação dos mistérios que a Vida Religiosa envolve pelo lampejo de uma observação inédita proveniente da fé (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

## SUMÁRIO

EDITORIAL.....	193
PROMOVER E ANIMAR A NOVA EVANGELIZAÇÃO João Paulo II .....	194
INFORME DA CRB .....	199
MARIA E A NOVA EVANGELIZAÇÃO Pe. Camilo Maccise, OCD.....	211
A VIDA DA TRINDADE EM NÓS Franziska Carolina Rehbein, SSpS.....	221
NOVA EVANGELIZAÇÃO E ECUMENISMO NO BRASIL Frei Félix Neefjes, OFM .....	242
MARCELINO CHAMPAGNAT: UMA OUTRA REVOLUÇÃO FRANCESA Irmão Luís Silveira, FMS.....	253

# EDITORIAL

Mais uma vez os Bispos do Brasil se reúnem em Assembléia.

Esse conclave tem sido o referencial maior para a Pastoral de Conjunto, em nossa Igreja. Sem ele, a Igreja no Brasil não seria o que é. Decisões corajosas, orientações lúcidas, atitudes proféticas dali emanaram. Ali, com realismo pastoral, são analisados à luz do Evangelho e para a orientação das comunidades cristãs, os imensos desafios de nossa realidade. Ali desaguam os clamores que brotam do sofrimento dos pobres. Ali também afloram, e por que não?, os problemas internos de uma Igreja santa, sim, animada pelo Espírito do Senhor, mas pecadora também, constituída de gente originária do barro da terra. Face a isso, nossos Bispos se congregam em estudo e oração para, como Corpo Episcopal sobre cujos ombros pesa o cuidado das Igrejas Locais, buscar as linhas de ação comuns, na unidade do Espírito e na oportuna pluriformidade de engajamentos.

As Assembléias da CNBB são a expressão do esforço em se viver a colegialidade episcopal. Colegialidade efetiva pela qual, respeitadas as atribuições de cada Pastor frente a seu rebanho e em comunhão com o Pastor universal, os Bispos se põem em comum, a serviço da mesma mis-

são: a construção do Reino de Deus.

O exercício desta colegialidade é particularmente complexo hoje. Mas é essencial para a condução pastoral do Povo de Deus. Dúvidas e relativizações estão sendo jogadas sobre essa dimensão elementar da Ordem do Episcopado, dimensão tradicionalmente requerida pela comunhão das Igrejas Particulares, revalorizada pelo Vaticano II e viabilizada de modo privilegiado pelas Conferências Episcopais. Certos círculos eclesiais, indispostos em relação a tais Conferências, preferem antes o centralismo institucional pelo qual os Bispos devem estar individualmente unidos ao Papa, mas sem mediações para o exercício da colegialidade dos Pastores entre si. Como roda de carreta cujos raios partem do eixo, mas sem aro que os amarre pela periferia. Certamente não é esse o modelo de Igreja retomado pelo Concílio Vaticano II.

O Povo de Deus porém, deseja ver seus Bispos unidos não só formalmente na mesma fé, mas também solidários na ação pastoral, no serviço à mesma missão de todas as Igrejas. Nisso percebe ele a presença atuante do Espírito do único Senhor, o Cristo Jesus.

**Pe. Atico Fassini, MS**

# PROMOVER E ANIMAR A NOVA EVANGELIZAÇÃO

*É preciso estudar a fundo em que consiste esta Nova Evangelização, ver seu alcance, conteúdo doutrinal e implicações pastorais.*

**João Paulo II**

Roma, Itália

Senhores Cardeais  
Amados Irmãos no Episcopado  
Queridos Sacerdotes e Religiosos

1. É-me muito grato ter este encontro convosco que, como membros da Cúria Romana ou das Igrejas latino-americanas, participais na primeira Assembléia Plenária da Pontifícia Comissão para a América Latina.

Com a Constituição Apostólica "Pastor Bonus" e o sucessivo Motu Proprio "Decessoris nostri", a Santa Sé quis renovar e potenciar este Organismo, para lhe dar uma nova fisionomia e pôr assim em relevo a especial solicitude pastoral do Sucessor de Pedro para com essas Igrejas

---

*Discurso de JOÃO PAULO II aos membros da Assembléia Geral da Pontifícia Comissão para a América Latina, in L'OSSERVATORE ROMANO, ano XX, nº 51, pg. 10-11, de 17/12/1989.*

que, no *Continente da esperança*, peregrinam cheias de fé rumo "aos novos céus e a uma nova terra", de que fala a Bíblia (*Is 65, 17; cf. 2 Ped 3, 13; Apoc 21, 1*), e que nos parece vislumbrar já no próximo *terceiro milênio* do cristianismo.

Saúdo-vos a todos muito cordialmente, ao mesmo tempo que agradeço as expressivas palavras que me dirigiu o Presidente da Comissão, o Senhor Cardeal Bernardin Gantin.

2. A vossa presença aqui, assim como os temas contidos no vosso programa de trabalho, põem em evidência as esplêndidas realidades eclesiais que o Espírito Santo, através da vossa solicitude pastoral, está a edificar na América Latina. Um continente jovem e cheio de anseios, mas no qual não faltam acentuados contrastes, que obrigam os setores menos favorecidos da população a pagar intoleráveis custos sociais.

Eu mesmo, nas minhas viagens apostólicas já por quase todos os paí-

ses latino-americanos, pode verificar qual é a situação que ali se vive, assim como a solicitude que a Igreja mostra com o seu amor preferencial pelos mais necessitados.

Ali pode apreciar realidades esplêndidas, mas também problemas angustiosos. Efetivamente, a América Latina vive uma *hora maravilhosa, mas ao mesmo tempo crucial, na sua história*. A Igreja é consciente disto e vós, precisamente nas reuniões destes dias quisestes abordar esses dois aspectos da realidade, em ordem a enfrentar o *desafio* que isto supõe para uma presença pastoral mais adequada.

3. Ante “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje”, a Igreja da América Latina está em *tensão criadora* e “sente-se real e intimamente solidária” (*Gaudium et Spes*, 1) com cada um dos seus filhos. Ao mesmo tempo, porém, com o olhar fixo no Senhor, ela prepara-se responsável e confiantemente para celebrar o V Centenário da chegada da Mensagem salvífica de Jesus às suas terras.

Na minha recente Carta ao Senhor Cardeal Gantin, por ocasião da inauguração da nova Sede do CELAM, eu dizia que se deve “comemorar esta efeméride dando graças a Deus por todos os benefícios que significou para esses povos o trabalho eclesial da primeira Evangelização”, mas a comemoração “não pode reduzir-se apenas a contemplar o passado para um balanço, aliás necessário, de êxitos e fracassos, de aspectos positivos e negativos. É necessário olhar

também e sobretudo para o futuro” (14 de Setembro de 1989).

Com certeza, no desenvolvimento ao longo dos séculos da assim chamada “evangelização inicial”, não faltaram, devido às limitações humanas, momentos de sombra, dentro desse fecho de luz que veio iluminar, com a palavra salvadora de Cristo, a vida e o futuro da América Latina.

A Igreja quer comemorar e celebrar o fato da sua implantação no Novo Mundo, com toda a humildade e simplicidade, mas, ao mesmo tempo, com o *desejo de aprender* da luminosa experiência evangelizadora dos intrépidos missionários e insígnos Pastores que, no decorrer destes cinco séculos, despenderam por Cristo as suas vidas, servindo os povos da América. A este respeito, desejo recordar os numerosos servidores do Evangelho, que nos últimos tempos foram vítimas de injustificável violência. Os mais recentes: Dom Jesus Emílio Jaramilo Monsalve e os seis Padres Jesuítas da Universidade Centro-americana de San Salvador. Rogo ao Senhor que o sacrifício de tantos ministros da Igreja torne fecunda a obra evangelizadora daqueles que, com generosidade sem limites, dedicam a sua vida à edificação do Reino de Deus.

4. Trata-se agora de empreender uma *Nova Evangelização* para a qual convoquei, precisamente por causa do V Centenário, todas as Igrejas da América Latina (cf. Discurso ao CELAM em Haiti, 9.III.83; e em Santo Domingo, 12.X.84).

É preciso estudar a fundo *em que consiste* esta Nova Evangelização.

ver o seu alcance o seu conteúdo doutrinal e implicações pastorais; determinar os “métodos” mais apropriados para os tempos em que vivemos; buscar uma “expressão” que a aproxime mais da vida e das necessidades dos homens de hoje, sem que por isso nada perca da sua autenticidade e fidelidade à doutrina de Jesus e à tradição da Igreja.

Por conseguinte, é preciso preparar de maneira conveniente os artifices desta renovada ação evangelizadora: são necessários sacerdotes santos e sábios; religiosos e religiosas plenamente entregues a Cristo; leigos decididos e comprometidos de verdade com a Igreja (cf. *Christifideles laici*, 64).

5. Tudo isto está lá em vias de realização. E é-me grato ver com que dedicação e solicitude trabalham as Conferências Episcopais nas diversas nações, assim como o CELAM a nível continental. Graças a Deus o meu apelo à nova evangelização encontrou terra fértil e encaminha-se já nessa perspectiva alentadora. Este é o *objetivo* primordial da Pontifícia Comissão para a América Latina: promover e animar a nova evangelização no mencionado continente.

Nesta mesma perspectiva, há-de orientar-se também a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, que se reunirá em Santo Domingo em 1992, coincidindo com as celebrações comemorativas do V Centenário, e que centrará a sua atenção precisamente no tema da nova evangelização. Deverá ser estudado como se pode *projetá-la sobre as cultu-*

*ras*, fazendo com que, assim, a Mensagem de Cristo Libertador e Redentor *penetre*, com maior profundidade e eficácia, nos corações de todos os homens e de todas as mulheres, nas estruturas sociais e políticas, nas famílias e sobretudo nos jovens, nos ambientes do saber e do trabalho, nos grupos étnicos e indígenas, nas aldeias e cidades, em todos os povos, para implantar por toda a parte a *civilização da verdade e da vida, da justiça, da paz e do amor*.

“A Igreja deve dar hoje *um grande passo em frente* na sua evangelização, deve entrar numa nova etapa histórica” (*Christifideles laici*, 35).

Espero, da parte de todos, um grande empenho na preparação dessa IV Conferência que — ali onde se celebrou a primeira Missa, se rezou a primeira Ave-Maria e se anunciou pela primeira vez a Mensagem de Jesus — verá reunidos representantes de todo o Episcopado da América Latina e da Cúria Romana, para estudarem e planificarem a missão evangelizadora da Igreja, de modo que, com a rica experiência do passado — incluído o passado mais recente de Medellín e Puebla — e tendo presentes as mudanças profundas que se registram no nosso tempo, possa ser enfrentado, com docilidade ao Espírito, o desafio do futuro.

6. Vários são os *temas eclesiais* que neste momento são objeto de atenta consideração por parte da Santa Sé e dos Episcopados da América Latina. Também vós quíestes examiná-los nesta Assembléia. Trata-se de analisar as raízes remotas, bem como as suas implicações mais imediatas, vendo as modalida-

des que se apresentam em cada lugar e em determinados ambientes. Isto tornará possível delinear melhor as orientações e respostas mais adequadas em cada caso.

Entre os principais temas, quero enumerar o das *vocações sacerdotais*, à vida *religiosa* e ao *apostolado laical*. É necessário que cada Conferência Episcopal, e também cada diocese em particular, dêem um novo impulso à pastoral de promoção das vocações. Ao mesmo tempo, devem buscar-se as pessoas melhor preparadas, que cuidem solícitamente da sua adequada formação para os diversos ministérios, que hão-de desempenhar nas comunidades eclesiais. Desejo ressaltar aqui, quanto a isto, o interesse que estão a despertar os cursos organizados pelo CELAM para formadores de seminários.

Outro ponto de grande importância é a inserção e harmonia dos religiosos e das religiosas na pastoral diocesana. É preciso favorecer os encontros entre os Superiores-Maiores e os Bispos, em ordem a buscar os rumos adequados para que, em autêntica *comunhão eclesial*, se mantenha a fidelidade à doutrina católica, conforme ela é transmitida pela Igreja por meio do seu Magistério. A este propósito, desejo recordar as palavras que dirigi à Assembléia do Episcopado e dos Superiores-Maiores dos religiosos e das religiosas do México, dedicada recentemente ao tema da Igreja particular e ao lugar que nela ocupam os Bispos e os Religiosos, à luz da Instrução *Mutuae relationes* e de outros documentos do Magistério: "A natureza mesma da Igreja, que é mistério e comunhão,

exige que entre os Pastores das Igrejas particulares e os religiosos exista uma estreita colaboração, que evite possíveis magistérios paralelos e também programas pastorais que não reflitam de modo suficiente esta união e unidade" (n. 4). Reitero de novo, nesta oportunidade, a minha exortação à III Conferência do Episcopado Latino-americano em Puebla, pondo em relevo "quanto importa aqui, mais que em outras partes do mundo, que os religiosos não só aceitem, mas busquem lealmente uma indissolúvel unidade com os Bispos" (2, 2).

Outro elemento que requer uma especial atenção é a *participação e plena inserção dos leigos* na pastoral da Igreja latino-americana. Várias experiências estão a dar frutos alentadores, mas ainda é grande o caminho a ser percorrido. A Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles laici*, recolhendo a doutrina do Concílio Vaticano II e os contributos dos Padres Sinodais, oferece algumas pistas a seguir para que os leigos tenham o seu próprio lugar na vida da Igreja.

Um grande problema que sofrem hoje muitos países latino-americanos é a *presença e difusão das seitas*. Em alguns casos, vê-se ameaçada a mesma identidade católica de várias comunidades eclesiais, sobretudo quando é pouco profunda a sua vivência da fé e não recebem oportunamente a necessária orientação ante as novas doutrinas expostas. Isto deve constituir mais um motivo de preocupação pastoral, que nos leve a planificar e realizar uma ação evangelizadora, para a qual são necessários

muitos agentes de pastoral, convenientemente formados e imbuídos de grande espírito apostólico.

Ao terminar este encontro, convidamos a unir-vos à minha oração ao Espírito Santo, pedindo-Lhe que guie a sua Igreja, já que Ele “é o agente principal da evangelização” (*Evangelii nuntiandi* 75). E nos incentive, a nós que somos sucessores de Pedro e dos demais Apóstolos, a “sermos

testemunhas deste Jesus que Deus ressuscitou” (cf. *At* 2, 32), e a “anunciar aos pobres a Boa Nova” (cf. *Mt* 11, 5). Assim o pedimos também à Virgem Maria, Mãe da Igreja, neste advento do terceiro milênio cristão, rogando-lhe que proteja sempre todas as comunidades eclesiais da América Latina, às quais concedo de todo o coração, bem como a vós, a minha Bênção Apostólica. □

---

## PÉ DE PÁGINA

*Pe. Marcos de Lima, SDB*

Só dentro e através da cultura, a fé cristã se torna história e criadora de história. . . Uma fé que não se torna cultura é uma fé não plenamente recebida, não inteiramente pensada, nem fielmente vivida, *Christifideles Laici*, 44 e 59.

### **Crer é comprometer-se**

**Bíblia** — “Deixa teu país, tua parentela e a casa de teu pai. Vai para um país que te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo. Eu te abençoarei. Sê tu uma bênção”, Gn 12,1-2.

**Leitor** — Abraão é o modelo de todos os que acreditam, não obstante o que há de único, singular e irrepitível em cada crente. CRER é deixar-se guiar constantemente por Deus. É disponibilidade irreversível, sem arrependimento, inspirada e alimentada pela confiança, pela entrega, pelo abandono. CRER é comprometer-se. Deus é nosso aliado. No fim do caminho — nossa vida — ele está à nossa espera.

**Bíblia** — “E Abraão partiu, como lhe disse Iahweh”, Gn 12, 4.

**Leitor** — Nossa conversão é também uma viagem como a de Abraão. Uma passagem da escuridão — o pecado, a maldade — para a luz: Deus.

# I N F O R M E

## CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

### COMUNICADO DO PRESIDENTE DA CRB AOS SUPERIORES/AS MAIORES SOBRE: "PLANO PALAVRA- VIDA. E AGORA?"

Pe. Edênio Valle, SVD

#### I. DADOS SOBRE A QUESTÃO

1. O inicialmente chamado "Projeto Palavra-Vida" consistia em um amplo programa de leitura comunitária e individual da Sagrada Escritura, destinado a todos os Religiosos e Religiosas da América Latina. Surgiu a pedido das Conferências Nacionais, sob a responsabilidade da CLAR. Previsto para 5 anos consecutivos (1989-1993) o PPV pretendia ajudar os Religiosos de hoje a re-memorar o V Centenário da Evangelização do continente e, mais ainda, queria incentivá-los a voltar a colocar a "lectio divina" no coração de sua vida e missão. Destinado à Vida Religiosa, o Projeto se propunha ser um gesto de comunhão com a Igreja e de solidariedade com os povos empobrecidos de nossa Pátria Grande.

2. O Projeto nem chegou a ser propriamente lançado em escala latino-americana. Antes que pudesse deslanchar na maioria dos países, levantaram-se contra ele ressalvas e acusações sur-

preendentemente fortes. Tendo partido, ao que parece, da Colômbia, Argentina e México, tais invetivas foram inteiramente endossadas pela Presidência do CELAM. Sem qualquer tentativa de entendimento prévio com a direção maior da CLAR, a Presidência do órgão máximo do Episcopado da A. L. tornou público um comunicado de imprensa em que se desautorizava o programa que começara a ser posto em movimento. Tal comunicado apareceu no "Observatore Romano" do dia 10/02/89. Na mesma data a Presidência do CELAM encaminhou veemente carta de condenação endereçada aos Presidentes das Conferências Nacionais de Bispos. Concomitantemente, também a CRIS adotara a mesma posição de princípio. Nos números 5 e 6 da sua "Nota", de 03/04/89, repetia quase "ipsis verbis" o que já havia sido escrito anteriormente por organismos episcopais da América Latina. Assim, o PPV, que havia nascido de maneira muito desprezível, tornou-se o centro de uma das mais sérias controvérsias eclesiais dos últimos tempos. A autoridade das vozes envolvidas, a seriedade das acusações levantadas, a intervenção — já em julho — da Doutrina da Fé, as proibições isoladas vindas deste ou daquele Bispo, os artigos e notícias da grande imprensa, etc., trouxeram sobressalto e perplexidade à Vida Religiosa e, evidentemente, à direção da CLAR.

3. Ao mesmo tempo, avolumavam-se na sede da CLAR cartas e manifestações de apoio. Em "off" muitos Bispos se manifestavam, estranhando a veemência das denúncias, seu conteúdo e, principalmente, a maneira como se deram os fatos, sem tentativa de diálogo prévio. Durante a Assembléia Ordinária do CELAM (Curaçao, março de 1989) o tema "Palavra-Vida" não constava da pauta oficial de assuntos, embora alguns Bispos hostis ao Projeto Insistissem para que o projeto fôsse submetido à uma discussão formal. No entanto, os Presidentes das Conferências Episcopais presentes em Curaçao preferiram evitar condenações. Foi sugerida a via do diálogo entre as duas partes. Decorreu daí uma reunião conjunta das Presidências dos dois organismos, presente também Mons. Fagiolo, da CRIS. O comunicado publicado nesta ocasião (abril de 1989) teve ampla difusão. Pareciam restabelecidas as condições para um entendimento respeitoso e profícuo.

4. Na linha deste acordo, a Equipe Bíblica da CLAR passou a elaborar os textos referentes ao 2º ano do agora chamado "Plano Palavra-Vida". Neste 2º ano seriam abordados os livros iniciais do Antigo Testamento, de Gênesis a Juízes. A Equipe tomou todo o cuidado no sentido de eliminar ambigüidades que pudessem favorecer suspeitas de reducionismos e de politização niveladora. O texto final ficou bom e bonito. Já em fins de maio estava praticamente pronto. Segundo o acordo estabelecido em Bogotá a CLAR deveria apresentar este texto ao CELAM, antes de submetê-lo ao Arcebispo de Bogotá, para obtenção do imprimatur. À esta altura começaram a aparecer dificuldades e impecilhos de origem um tanto nebulosa. Além de não ter sido possí-

vel lograr uma audiência com o CELAM e com o Arcebispo de Bogotá, surgiu — em julho — uma carta extemporânea do Cardeal Ratzinger que gerou certa confusão, levantando a questão do nível de autoridade e da validade do acordo firmado em abril, com o aval direto da CRIS. Este ponto foi esclarecido pelas próprias autoridades em questão: valia o comunicado comum de Bogotá. Mas, sobreveio novo problema. De si, não era ligado ao Palavra-Vida, mas acabou incidindo sobre ele. A Congregação dos Religiosos, ao arrepio do que se prevê no Estatuto da CLAR, nomeou um Secretário Geral, cuja aceitação foi contestada não só pela Presidência da CLAR, quanto por todos os Presidentes Nacionais. Tal nomeação voltou a conturbar as relações. Tentou-se alterar a decisão com uma ida à Santa Sé, mas nada se logrou. Resultado final: diante de tantas dificuldades, após pesar longamente todos os prós e contras, a Presidência da CLAR resolveu, em outubro, desativar o Plano Palavra-Vida. O que a CLAR suspendeu foi o programa específico por ela criado para associar a Vida Religiosa às comemorações relativas ao V Centenário da Evangelização. Muitos Religiosos que acompanharam desde o início esta complexa questão têm a impressão de que um dos motivos da pesada artilharia está no fato de se tratar de uma programação de nível continental. Em vários dos países, tomados isoladamente, não existem tais suspicácias e temores. A Presidência da CLAR, interessada primariamente em incentivar o estudo da Bíblia, pensa que será menos complicada a viabilização de bons programas bíblicos se as Conferências Nacionais de Religiosos entrarem em entendimento direto com seus respectivos Episcopados. Por

esta razão, com a aprovação das Conferências Nacionais, a responsabilidade pela seqüência do programa de estudo-oração escriturístico passou às mãos de cada país.

## II. O QUE ACONTECEU NO BRASIL

1. Desde o início deste problema, no Brasil, a CRB manteve informada a Presidência da CNBB. A CRB levou a questão também ao conhecimento da CEP (Comissão Episcopal de Pastoral). Embora a situação criada em nível continental fosse delicada e tensa, o intercâmbio e franqueza existente entre nós criou um clima de serenidade para um discernimento seguro a respeito deste doloroso "affaire".

2. Tão logo se teve conhecimento que a formação bíblica estava novamente nas mãos da CRB, a Diretoria Nacional se preocupou em encontrar um caminho que ao invés de dividir, ajudasse a Vida Religiosa a crescer em sua unidade e na fidelidade a Deus, à missão e à Igreja. Em reunião com a Presidência da CNBB (Brasília, outubro de 1989) decidiu-se que o melhor caminho seria o de apresentar os textos à Comissão de Doutrina da CNBB, a fim de se ter uma palavra decisiva ainda antes do início da publicação que a CRB pretende fazer para os Religiosos do Brasil. O Presidente da CRB chamou a atenção dos Senhores Bispos para a palavra que recebera do Cardeal Hamer (carta de 29/09/89), na qual o Prefeito da Congregação dos Religiosos diz, à guisa de conclusão: "Este juízo (da CRIS e da Congregação da Doutrina) não pré-julga futuras publicações nem as impede. Esta Congregação seguirá apoiando e ajudando nos anos próximos". A Santa Sé, portanto, suposto o prévio entendimento

com os Pastores, está disposta a seguir apoiando as iniciativas de formação bíblica dos Religiosos.

3. O texto correspondente ao ano II do antigo Plano Palavra-Vida foi entregue, assim, à Comissão de Doutrina pelo Presidente da CNBB, atendendo a solicitação formal da CRB. O juízo básico da Comissão diz: "O projeto apresentado pelo Presidente da CRB é de grande importância evangelizadora. Vale a pena a CNBB investir nele para toda a Igreja". Este parecer provocará seguramente imensa alegria entre todos os Religiosos e Religiosas do Brasil. Também os autores do texto sentir-se-ão recompensados pelo sofrimento dos últimos meses.

A Comissão de Doutrina da CNBB sugere ainda que na reelaboração a ser feita para a edição brasileira se cuide melhor da articulação metodológica no tocante aos livros a serem estudados e que se ressalte bem claramente a natureza inspirada destes livros. A CED "se dispõe a colaborar em vista da grande importância do projeto" também com vistas aos textos a serem posteriormente elaborados. A Equipe Bíblica irá agora preparar a edição brasileira, na linha do indicado pela Comissão de Doutrina.

## III. E AGORA? O QUE FARÁ A CRB?

1. Agora, portanto, teremos um programa brasileiro para o estudo da Bíblia. Não se tratará mais do "Palavra-Vida" Mas terá a mesma preocupação básica de tornar a Palavra de Deus o coração da Vida Religiosa. É um grande dom que o Espírito oferece à Vida Religiosa. Um convite para que a "lectio divina" torne-se novamente o eixo alimentador da vida e da missão dos

Religiosos. Um convite, também, a manter viva e a alimentar a solidariedade latino-americana.

2. **Mais concretamente**, a CRB Nacional pensa publicar o material em 2 momentos, ao longo do ano de 1990.

a) Pela **páscoa de 1990**, será publicado um pequeno volume sobre a "**Leitura Divina**". Como anexo, serão oferecidos alguns roteiros comunitários de estudo e oração, centrados na **aprendizagem da escuta da Palavra**. Estes roteiros nos ajudarão a compreender como a própria Bíblia lê e relê os fatos da história da Salvação.

b) No **2º Semestre de 1990**, após contato com os Senhores Bispos da CED, as Regionais receberão o volume com o novo programa bíblico da CRB. Na linha do previsto pela "Palavra-Vida", daremos início à leitura do Antigo Testamento. Em 16 roteiros de estudo (ao lado de introduções e subsídios de outra natureza) serão fornecidas guias de leitura para os Livros do Gênesis, Êxodo, Deuterônimo, Josué e Juízes. Com este subsídio estará iniciado um esforço sistemático para levar os Religiosos e Religiosas à leitura da Bíblia. Este esforço se orienta à Vida Religiosa, mas pretende ser um gesto permanente de adesão à Igreja e de comunhão com os Pastores e o Povo ao qual servimos. Mais tarde, a cada ano, sairá um volume orientativo para o prosseguimento do estudo.

3. **Que nome daremos ao Programa?**

A questão do nome, embora secundária, tem sua importância. Muitos gostariam certamente que nosso programa mantivesse o mesmo nome do projeto lançado anteriormente pela CLAR. Mas, tendo a CLAR mesma resolvido suspen-

der aquele programa, talvez fosse mais conveniente criar-se outra designação para o que vamos fazer.

Alguns sugeriram o nome: **Tua Palavra é Vida**. Além de indicar a continuidade com o que a CLAR pretendia realizar, este nome explicitaria a referência fundamental que todo o projeto tem com a pessoa de Jesus Cristo. Este título lembra a palavra humilde e sedenta de Pedro: "Só tu tens **palavras de vida eterna**" (Jo 6,68).

**Carta circular do Presidente Nacional da CRB aos Superiores/as Maiores.**

## **FORMAÇÃO E PROFETISMO**

(In NOSSO BOLETIM nº 1, 1988, p. 13-17, CRB — São Paulo).

### **1. Profetismo: realidade viva**

Tomando como ponto de partida alguns dos elementos que caracterizam o profetismo, chamaremos a atenção, inicialmente, para o fato do profetismo ser uma realidade viva e presente no mundo de hoje, naquelas pessoas que atualmente são chamadas ao seguimento de Jesus na Vida Religiosa. Estas pessoas são chamadas e preparadas por Deus para uma missão própria que vem ao encontro das necessidades do nosso tempo, onde Deus quer manifestar e realizar seu Projeto Salvador como o fizera em outras etapas da História.

Se o Profetismo é suscitado por Deus, especialmente em momentos de crise, sem dúvida, o nosso tempo deve ser rico em profetas.

Estará a Vida Religiosa como se apresenta hoje, aberta a acolher e discernir

as vocações proféticas que Deus está suscitando? No desejo de se manter fiel a uns valores recebidos e vividos, estaria a Vida Religiosa tentada a rejeitar os profetas de hoje, que muitas vezes se apresentam como uma ameaça ao já estabelecido? Não caberia aos formadores estar especialmente atentos para acolher e discernir o verdadeiro profetismo?

## **2. O Profetismo: uma realidade de todos os tempos**

É importante se constatar que o profetismo é um fenômeno que não se restringe ao A.T., e nem mesmo ao N.T., naqueles primeiros passos das comunidades cristãs em que precisavam de ajudas "especiais" do Espírito Santo para consolidar a Igreja nascente. Podemos ter a impressão de que o carisma profético não é tão necessário nesta época da nossa História. Como se o Espírito de Deus não precisasse estar tão presente posto que já possuímos a plenitude da Revelação do querer de Deus e de agora em diante bastaria reconhecer na Igreja, com seus diversos ministérios e serviços, esta presença e essa ação profética permanente.

O Movimento Profético não é uma ação isolada de Deus que se circunscreve a um momento dado da História dos homens. Mas é uma intervenção constante, através de todos os tempos, nos acontecimentos humanos. Para reconhecer isso, precisa uma convicção profunda de que Deus "é o Senhor que faz a História" (Jt, 9,5-6) no passado; no presente e no futuro. Em suas mãos estão os destinos do universo. As pessoas, embora protagonistas, são instrumentos através dos quais Deus vai mar-

cando a História de acordo com o seu Projeto.

## **O Profetismo**

Marca esta dinâmica da presença constante de Deus na História e imprime aos acontecimentos humanos uma direção clara e definida, orientando-os para o seu querer na História humana.

Daqui se deduz a importância que tem essa convicção profunda na ação permanente do Espírito em nossa História, através do profetismo. As palavras de Paulo à comunidade de Tessalônica devem ter em nós hoje, uma forte ressonância: "Não extingais o Espírito; não desprezeis as profecias. Discerni tudo e ficai com o que é bom (1Ts 5,19-21). Não aconteça que querendo limitar a ação do Espírito a uma determinada época ou forma, nos fechemos a esse mesmo Espírito que hoje suscita vocações proféticas, dando continuidade a esse movimento de Deus em favor dos homens, que percorre toda a História da Salvação.

## **3 Profeta: pessoa chamada e dotada para uma missão**

A primeira característica do profetismo diz respeito a sua origem: é a livre iniciativa de Deus que chama para uma missão. Missão esta que levará a cabo em nome de Deus e cujo destinatário é o seu povo. A iniciativa profética não corresponde à pessoa mas a Deus, tanto no que se refere ao chamado, quanto à missão que lhe é confiada. Deste fato parte a autoridade que o profeta tem no meio do povo, no desempenho da sua missão. É essencial para o profeta esta consciência da própria vocação:

Hoje também Deus continua suscitando profetas no meio do seu povo, não por iniciativa deste, mas de Deus. Como sempre, são pessoas marcadas de alguma maneira pela experiência de Deus em sua vida. Esta experiência sem dúvida, está condicionada pelas circunstâncias políticas, econômicas, sociais, familiares e religiosas. Muitas destas situações, geralmente situações de crise, injetam no profeta um desejo intenso de mudança e ele faz desta mudança o centro de seu falar e do seu agir profético.

#### Mergulhado na realidade

O profeta vive e é sensível às situações que o rodeiam (Amós, Jeremias) e por sua vez se tornará o conscientizador, o despertador do povo a respeito da situação.

É por isso que geralmente o profeta choca-se com as idéias recebidas, com a mentalidade dominante, com a instituição, com a tradição, porque ele está mais voltado para a situação.

#### Denúncia e Anúncio

São os dois eixos sobre os quais gira a ação profética. A situação e a Revelação são confrontadas. O sentido da História humana e o sentido do querer divino são duas realidades presentes na consciência profética para, a partir destes dois polos, construir a única História de Deus e dos homens: História da Salvação.

#### **4. O profetismo está presente especialmente em momentos de crise**

Falamos que o profetismo é um movimento do Espírito de Deus que sus-

cita profetas em qualquer época histórica não se limitando a tempos, lugares, formas ou instituições, pelo contrário, age com total liberdade e intervém constantemente e de maneira bem definida.

O Concílio Vaticano II na G.S. (1-10) nos aponta as situações que configuram uma crise: — implantação de uma nova etapa histórica; — desajustes humanos provocados pela mudança de situação; — mudança de mentalidade e de estruturas; — repercussões na vida religiosa.

As crises marcam as mudanças de rumo na História e, se acreditamos que Deus está presente na História e a conduz, é evidente que o Espírito suscite o profetismo justamente nestes momentos que são decisivos para a História humana.

#### Promotor do Novo

Olhando para esses aspectos que caracterizam a situação de crise, o profeta se comportará como o promotor dos novos tempos, deseja acelerar as mudanças para que a nova sociedade seja mais coerente com o Projeto de Deus.

Diante da instabilidade e insegurança que as mudanças provocam nas pessoas e instituições, o profeta apontará para aqueles valores que trazem a verdadeira segurança e denunciará e desestabilizará os bem situados, os bem organizados, os bem estabelecidos... (Lc 1,51-53) e anunciará esperança aos situados no lado oposto.

#### Exige conversão

Frente à mudança de mentalidade e estruturas é justamente a "conversão" que o profeta sempre exige. Mudança

de mentalidade, de coração e de vida, a nível pessoal e de estruturas. Esta última, particularmente difícil, mas que garante e sustenta uma conversão pessoal coletiva mais profunda e verdadeira.

Apona a "Hora" de Deus

O lugar da Revelação é a História e esta se torna portanto, o veículo utilizado por Deus para sua manifestação. O momento histórico tem pois uma forte influência sobre as formas de revelação e a vivência da mensagem. É por isso que a época histórica marca o ser religioso, acentuando ou deixando mais na penumbra determinados aspectos, dando lugar a novas formas religiosas, novas interpretações e vivências da sempre única experiência religiosa. Cabe ao profeta ter uma grande sensibilidade diante dos acontecimentos que servirão de "sinais" para apontar "a hora" de Deus, e tendo-a detectado será o implantador dessas novas formas, que no presente, revelam com maior transparência a vinda do Reino.

## 5. Profeta: Vocação para o risco

Sendo a função do profeta denunciar, desestabilizar, questionar, derrubar, demolir para edificar e plantar (Jr 1,9-10), certamente encontrará muita oposição e freqüentemente o isolamento e às vezes, até a morte. Assumir a vocação profética é pois assumir o risco. E normalmente esta capacidade só a encontramos em pessoas que pouco ou nada têm a perder porque livremente tudo entregaram.

Não seria em princípio a Vida Religiosa o terreno mais apto para se viver esta vocação profética?

Na EN (69) e no Documento de Puebla (722 ss.) a consagração religiosa é

vista como elemento libertador por excelência e que capacita para assumir a missão embora enfrentando grandes riscos, porque alicerçada numa profunda experiência de Deus que liberta e torna disponível para ser presença em todos os ambientes mas, preferencialmente no meio dos despossuídos. Aqueles que têm menos a perder, podem se arriscar mais.

Obstáculos

Embora em princípio existam as condições objetivas que facilitam esta vocação de risco, a crescente institucionalização sofrida pela Vida Religiosa constitui um grave obstáculo que pode vir neutralizar esta característica da vocação profética, e não raro a encontramos com maior freqüência fora dos quadros da Vida Religiosa.

Fatores pessoais e institucionais entram em jogo na hora do risco, de um lado o apelo pessoal a partir da situação concreta, do outro, a situação da instituição que deve estar distante do poder e da abundância econômica, como exigências prévias de liberdade para poder enfrentar o risco.

Pessoa e instituição devem fazer um caminho de superação do medo. Cabe principalmente à instituição, acolher o profeta pois necessita da profecia para não se fechar às mudanças, que embora criem insegurança, são condição necessária para um caminho de fidelidade a Deus que se revela na situação.

## 6. Alguns Questionamentos

Levando em conta o que foi dito até aqui, poderemos levantar alguns questionamentos, especialmente endereçados aos responsáveis pela formação:

Uma vez que a eles compete uma grande parcela de responsabilidade no discernimento das vocações, isto é, das vocações proféticas que Deus encaminha hoje para os Institutos.

— Quando se acompanha o **discernimento do chamado** de Deus a uma pessoa, tem-se presentes as características da **vocação profética**?

— Acredita-se que o profetismo é um **"movimento" do Espírito** de Deus que percorre a História de ponta a ponta? E que ele está presente, vivo e atuante hoje como o esteve ontem, embora as suas formas variem?

— Nossos Institutos são capazes de **acolher as vocações** que Deus envia, vendo nelas não tanto um elemento "mantenedor" do que existe, mas "renovador" para inventar novas formas de ser religioso, que respondam de maneira mais fiel e comprometida às necessidades e anseios do mundo de hoje?

— Com medo dos falsos profetas, estaríamos afastando os verdadeiros? (S. Irineu).

— Como poderemos, a partir dos que já estamos na Vida Religiosa e dos que chegam, criar condições para fazer dele o espaço por excelência do profetismo?

### **Equipe de Reflexão Teológica CRB/SP**

## **PROGRAMA IGREJAS-IRMÃS**

A Linha 2 da CNBB, Dimensão Missionária, realizou, em junho de 1989, um encontro de bispos, agentes missionários, coordenadores e responsáveis de

Projetos Igrejas-Irmãs. As experiências de comunhão intereclesial, a realidade sócio-cultural, a reflexão teológico-pastoral, a mística da missão e sua espiritualidade levaram a determinar novos critérios para a dinamização do Programa Igrejas-Irmãs (Igreja: Comunhão e Missão, Doc. 40, 125).

A Igreja origina-se da Trindade. Envia-do pelo Pai, Jesus Cristo a fez sacramento, sinal e instrumento de comunhão dos homens entre si e com Deus.

A Igreja Comunhão encarna-se em regiões e situações sócio-culturais diferentes e manifesta-se em Igrejas Particulares. Essa comunhão na diversidade levou a Igreja no Brasil a intensificar a entre-ajuda eclesial com o Programa Igrejas-Irmãs.

### **1. O QUE É**

O Programa Igrejas-Irmãs é a ação de comunhão missionária, pela qual duas Igrejas ou grupo de Igrejas, a nível local, nacional ou de além fronteira, relacionam-se mutuamente na participação e comunhão fraterna de recursos humanos, pastorais e financeiros, enriquecendo-se mediante a solidariedade e o intercâmbio de experiências pastorais.

Essa forma de cooperação e comunhão intereclesial cria a consciência missionária, completa e revitaliza a pastoral e integra, pouco a pouco, todo o povo de Deus no compromisso missionário.

### **2. OBJETIVOS**

São objetivos do Programa Igrejas-Irmãs: a vivência da comunhão entre Igrejas Particulares; o despertar da vo-

cação missionária de todo o Povo de Deus; o testemunho de unidade e de serviço mútuo das Igrejas.

São também objetivos do Programa Igrejas-Irmãs a formação de comunidades eclesiais, o incentivo de novos ministérios e a formação do clero local, a criação de organismos de participação, o respeito das culturas e a ajuda na busca da originalidade de cada Igreja Particular.

Estes objetivos fundamenta-se nos seguintes princípios:

2.1. As opções do Concílio Vaticano II: Igreja Povo de Deus, missionária, presente no mundo de hoje, sinal e instrumento de união com Deus e de unidade entre os homens.

2.2. As conclusões de Medellín: a promoção da justiça e da paz, o compromisso profético libertador, a Igreja testemunho de pobreza, as comunidades eclesiais com seus líderes e animadores, a valorização da religiosidade popular a integração dos movimentos e o planejamento pastoral.

2.3. As conclusões de Puebla: Igreja missionária a serviço da evangelização integral no presente e no futuro, a opção pelos pobres e pelos jovens, a defesa dos direitos humanos, a luta pela justiça, a valorização das culturas, o apoio aos construtores de uma nova sociedade e a comunhão e a participação.

2.4. As Diretrizes da Ação Pastoral da Igreja no Brasil e o objetivo geral de evangelizar, a consciência da vocação missionária e a integração orgânica das linhas teológico-pastorais.

### 3. ORIGEM E DESENVOLVIMENTO

A eclesiologia da Igreja Comunhão, retomada pelo Concílio Vaticano II, contribuiu muito para tornar clara a missionariedade da Igreja de Jesus. Mostrou que o sujeito da missão, sendo a Igreja local, manifesta-se na comunhão e no exercício do elan missionário de todas as Igrejas Particulares. A missão é pois obrigação e compromisso de todo o povo de Deus, que participa da vida da Trindade e do múnus sacerdotal, profético e régio de Jesus.

A eclesiologia do Vaticano II, as correntes migratórias e as urgências pastorais das Igrejas na Amazônia motivaram, entre nós, a necessidade e a urgência de profunda comunhão.

O Programa, sem este nome de Igrejas-Irmãs, começou, na Diocese de Caxias do Sul, RS, em 1969, com o envio de missionários, de forma programada, para diversas regiões do Brasil.

A CNBB lançou o Programa, com o nome de Igrejas-Irmãs, em 1972: "Uma diocese do sul ou do centro se propõe a ajudar de modo especial e permanente, uma circunscrição eclesiástica do norte, mediante orações coletivas, ajuda de pessoal ou custeio de determinadas atividades pastorais" (Cir. 1972/CNBB).

A idéia tornou-se apelo e encontrou uma primeira resposta no Estado de Santa Catarina, Regional Sul 4 da CNBB, recém criado. Seus bispos, os superiores provinciais, numa expressão de unidade regional e no desejo de unir forças e recursos pastorais, reunidos em assembléia regional, outubro de 1972, assumiram o Programa Igrejas-Irmãs. O compromisso se concretizou em projetos

com o Regional Nordeste 3 da CNBB, prioritariamente com as dioceses da Bahia. Os projetos visavam desenvolver o espírito missionário nos dois Regionais. Estabeleceram-se por isso, normas, objetivos e diretrizes para esse Programa de entre-ajuda.

Pouco a pouco, outras dioceses e mesmo regionais escutaram o apelo e assumiram projetos concretos. Hoje o número de dioceses brasileiras que tiveram alguma experiência de Projetos Igrejas-Irmãs ultrapassa o de 130 (cf. ANEXO).

Depois de 20 anos de experiência da prática de comunhão intereclesial com avanços e recuos, acertos e falhas, sentiu-se a necessidade de revisar esse Programa, dinamizando-o com novos critérios: "Durante vários anos o Projeto Igrejas-Irmãs respondeu — e está respondendo — ao imperativo do ideal missionário de numerosas Dioceses e Prelazias da Igreja no Brasil. Favoreceu a ajuda e a comunhão entre diversas Igrejas Particulares e proporcionou a muitos sacerdotes, seminaristas, comunidades religiosas e agentes de pastoral leigos, experiências apostólicas, que os enriqueceram grandemente" (Igreja: Comunhão e Missão, 125).

#### 4. PERFIL ATUAL

Inspira-se em Deus a iniciativa de uma fraternidade entre as Igrejas. Aí está o Espírito de Deus que opera na vida da comunidade e suscita a generosa dedicação de tantos missionários.

A mística da Missão alimenta-se da graça divina, alegra-se com os resultados verificados na vida dessas Comunidades Irmãs e na pessoa do missionário

que é, sem dúvida, o primeiro beneficiado pelas bênçãos da missão. Longe de se enfraquecer com os sinais de fracasso ou de reduzido êxito da iniciativa, procura motivar-se com o valor teológico da comunhão e com a espiritualidade do serviço libertador, que garante a continuidade do Programa. A situação de opressão, em que vive hoje o povo, abre as duas Igrejas-Irmãs à importância e ao alcance dos variados problemas sociais (migrações, colonizações, garimpos, seringueiros, mundo do trabalho, periferias...) e leva-as à necessidade de uma reformulação e renovação constante dos seus quadros e estruturas pastorais, envolvendo sacerdotes, religiosos, agentes de pastoral e o povo cristão.

A busca da efetiva reciprocidade das Igrejas, a coordenação nos diversos níveis para os Projetos, a presença de leigos e a missão ad gentes são elementos que necessitam uma maior configuração no atual perfil do Programa Igrejas-Irmãs.

#### 5. NOVOS CRITÉRIOS

A partir das experiências realizadas e em vista da revitalização do Programa Igrejas-Irmãs, emergiram os seguintes critérios:

5.1. A MISSIONARIEDADE DA IGREJA: Toda a vida e ação pastoral da Igreja deve levar a um compromisso missionário concreto. A missão de evangelizar é de todo o Povo de Deus. Esta é sua vocação primordial. O Programa Igrejas-Irmãs é um serviço de comunhão que suscita em todo o Povo de Deus a consciência de sua missionariedade, abre para a reciprocidade, isto é, o dar

e o receber numa verdadeira comunhão e participação.

**5.2. EVANGELIZAÇÃO DAS CULTURAS:** A evangelização é o encontro da fé com as culturas. Por isso, na ação evangelizadora deve haver sempre o respeito e a preocupação pela consolidação das culturas e uma contribuição ao crescimento das "sementes do Verbo" nelas ocultas. Inúmeros vínculos existem entre a mensagem evangélica e as culturas (GS 58). A Boa Nova do Evangelho deve ser anunciada a todas as nações. O povo de Deus compõe-se de homens e mulheres de todas as raças, línguas e povos (cf. Igreja: Comunhão e Missão, 246).

**5.3. ATENDIMENTO ÀS SITUAÇÕES MISSIONÁRIAS:** A dimensão universal da salvação implica a tarefa de identificar e atender as situações missionárias permanentes mais necessitadas, as novas condições sócio-culturais e especialmente as mais difíceis. "Os problemas do mundo relacionados com a justiça e a paz sejam vistos na dimensão missionária da Igreja. A Igreja será a consciência crítica em face a tais situações" (Igreja: Comunhão e Missão, 130).

**5.4. CONSTITUIÇÃO DE UMA COORDENAÇÃO E PLANEJAMENTO:** Para que os Projetos atinjam seus objetivos deve haver uma equipe de coordenação e planejamento do Programa nos diversos níveis e em ambas as Igrejas. A coordenação deve planejar, acompanhar e avaliar as atividades, no fortalecimento do espírito missionário entre o povo e na concretização do projeto, estabelecendo objetivos, passos operacionais e etapas. E, no encaminhamento do plano missionário das Igrejas, sejam envolvidos não somente os Bispos, mas Presbítero e Povo de Deus em geral.

**5.5. PROMOÇÃO DE MINISTÉRIOS:** A Igreja, povo de Deus, toda ministerial, para o cumprimento de sua missão, conta com a diversidade de ministérios. A promoção de ministérios e serviços multiformes, que o Espírito suscita em sua Igreja, e no contexto da vida real do povo deve ser a preocupação primordial do Projeto Igreja-Irmã.

**5.6. MISSIONARIEDADE COMO EIXO DA FORMAÇÃO:** A formação intelectual, pastoral, humano-espiritual dos futuros presbíteros e religiosos atenda à dimensão missionária da Igreja. Os seminários e casas de formação proporcionem aos formandos a experiência da comunidade apostólica chamada ao seguimento de Jesus e à escuta da sua Palavra. Particularmente úteis a esta formação são as experiências pastorais e os estágios em regiões e situações missionárias.

**5.7. FORMAÇÃO DO CLERO LOCAL:** Este é um objetivo prioritário. A pastoral vocacional, integrada na pastoral orgânica, deve merecer todo o empenho. A participação de presbíteros da Igreja-Irmã no Projeto é uma presença subsidiária e sinal de solidariedade fraterna.

**5.8. PARTICIPAÇÃO DOS LEIGOS:** Todos os batizados são responsáveis pela missão. O cristão leigo é parte integrante da Igreja. Muitos leigos estão se dispondo ao serviço missionário. Convém que eles exerçam sua vocação específica sem se clericalizarem, recebendo, para isso, uma formação adequada.

**5.9. MISSÃO AD GENTES:** A Igreja Particular manifesta maturidade no envio de missionários a outras nações. O testemunho de comunhão das Igrejas-Irmãs completa-se, pois, com a ação mis-

sionária que vai além das próprias fronteiras.

5.10. DISTRIBUIÇÃO DAS IGREJAS-IRMÃS: A proximidade geográfica, a afinidade sócio-cultural, o fluxo migratório e outras afinidades entre as Igrejas são elementos a ser considerados na escolha de um projeto Igrejas-Irmãs.

## 6. ENCAMINHAMENTOS

Os presentes critérios são uma resposta ao Documento da 26ª Assembléia Geral da CNBB, "Igreja: Comunhão e Missão" sobre o Programa Igrejas-Irmãs. Perguntaríamos a este Conselho Permanente:

1º) Aos critérios apresentados acima, tem aperfeiçoamentos a sugerir?

2º) Que orientações e formas concretas o Conselho Permanente apresenta para a revitalização do Programa Igrejas-Irmãs nos Regionais e/ou nas Dioceses?

3º) O Documento "Igreja: Comunhão e Missão" fala da evangelização dos povos e da missão além fronteiras.

Que propostas apresenta para o encaminhamento desse passo missionário da Igreja do Brasil?

Comunicado da Linha 2 da CNBB ao Conselho Permanente de agosto de 1989.

---

## PÉ DE PÁGINA

*Pe. Marcos de Lima, SDB*

### Confiança ativa em Deus

**Bíblia** — "Não vos preocupeis com a vossa vida... Olhai as aves do céu... Aprendeis dos lírios do campo... Não andeis preocupados, dizendo: Que iremos comer? Ou, que iremos beber? Ou, que iremos vestir? Vosso Pai celeste sabe que tendes necessidade de todas estas coisas", Mt 6, 25-34.

**Leitor** — Estamos nas mãos maternas de Deus. Confiança, pois, ativa nelê. Fica reprovada toda ansiedade nascida da desconfiança e da falta de fé. No Evangelho, entretanto, não há lugar para o descompromisso e a irresponsabilidade. Portanto, trabalhar e trabalhar arduamente. Mas nos múltiplos cálculos para vencer, não esquecer nunca Deus. Deus é fator multiplicador de nossa capacidade. Trabalhar e deixar-se trabalhar pela Palavra de Deus. Ordenar e reordenar a própria vida pela escala de valores que ordenou a vida de Jesus: o Reino de Deus e a justiça do Deus do Reino.

# MARIA E A NOVA EVANGELIZAÇÃO

*Maria, "longe de ser uma mulher passivamente submissa ou de uma religiosidade alienante foi, sim, uma mulher que não duvidou em afirmar que Deus é vingador dos humildes e dos oprimidos e derruba de seus tronos os poderosos".*

**Pe. Camilo Maccise, OCD**

A III Conferência do Episcopado latino-americano, reunida em Puebla em 1979, para tratar do tema da *evangelização no presente e no futuro da América Latina*, recordava o marianismo destes povos desde o primeiro anúncio do Evangelho no séc. XVI:

"Em nossos povos, o Evangelho tem sido anunciado, apresentando a Virgem Maria como sua realização mais alta. Desde os primórdios — em sua aparição e invocação de Guadalupe — Maria tornou-se o grande sinal, de rosto materno e misericordioso, da proximidade do Pai e de Cristo com quem ela nos convida a entrar em comunhão. Maria foi também a voz que deu impulso à união dos homens e dos povos. Como em

Guadalupe, os outros santuários marianos do Continente são sinais do encontro da fé e da Igreja com a história latino-americana"(1).

Podemos afirmar que a devoção a Maria é um elemento qualificador do cristianismo latino-americano; experiência vital e história que pertence à sua identidade própria (2).

Como todas as realidades da vida cristã, o cristianismo latino-americano teve uma evolução condicionada pelas mudanças ocorridas na história do continente. Estas mutações puseram em confronto as concepções antropológicas de nossa época e os problemas delas derivados, com a figura da Virgem(3). Foi assim que, no marianismo latino-americano, se foi passando da idéia de Maria conquistadora à de Maria libertadora, não sem antes viver em profundidade a concepção de Maria como Mãe e protetora dos oprimidos(4).

---

*In Boletim CLAR*  
*ano XXVI, nº 5, maio/1988*

Estes três enfoques encontram-se, em maior ou menor grau, *mesclados* nas diferentes etapas da história dos povos latino-americanos. Num primeiro momento predomina a idéia de Maria como Conquistadora e Senhora. Depois se acentua o aspecto maternal da Virgem: Mãe de Deus e Mãe nossa. A partir da renovação pastoral teológica e espiritual iniciada com o Concílio e incrementada e assumida em *Medellín* e *Puebla*(5), a perspectiva principal é, tanto em nível pastoral como de reflexão, a de u'a Maria mulher livre e libertadora.

Vamos ocupar-nos, sucessivamente, de cada uma destas etapas, cronologicamente identificáveis: o domínio colonial, a época da independência até o Concílio, a época post-conciliar.

O primeiro encontro do mundo indígena da América Latina com Maria deu-se através da evangelização hispano-lusitana.

Na religiosidade popular da Espanha e Portugal no século XVI, existe grande apreço por tudo o que é devocional, especialmente pelo que se encarna em lugares, coisas, pessoas. Veneram-se especialmente os santos e, entre eles, de modo particular, a Virgem, Nossa Senhora. Herdeiros da devoção mariana da Idade Média, centram-se especialmente em Maria como Mãe de Deus, Senhora e Advogada.

Missionários e conquistadores participavam deste culto à Virgem que expressavam em imagens e devoções populares. Ao chegar à América, sentem-se ajudados e protegidos por Maria e a incorporam às lutas con-

quistadoras. Em alguns lugares chamam-na de "A Conquistadora", dando-lhe um sentido espiritual, não porém sem implicações sociais, econômicas e culturais, uma vez que lhes atribuem o triunfo sobre os indígenas(6).

### **De Maria Conquistadora a Maria Mãe dos oprimidos**

O impacto da conquista suscitou nos indígenas uma reação de desânimo e de desespero. Sentiam que entravam numa situação de morte e de agonia. Seus deuses foram vencidos ou mortos. Neste contexto a Virgem Conquistadora aparecia mais como sinal de força e opressão. Era impossível outra reação nessas circunstâncias.

Bem depressa, entretanto, "a presença de Maria conferiu dignidade aos escravizados, esperança aos explorados e motivação para todos os movimentos de libertação"(7).

Entre os acontecimentos que vão provocar mudanças de perspectiva, destaca-se, sem dúvida, o acontecimento de Guadalupe. Dez anos após a tomada de TENOCHTITLAN, capital do império Azteca, sucede a aparição da Virgem no morro de TEPEYAC, nos arredores da cidade do México, onde os índios veneravam TONANTZIN, a "Venerável Mãe", deusa que engendrara o deus HUITZILOPOCHTLI. Dentro da teogonia Azteca, Tonantzín será a figura principal que se relaciona com a Virgem do TEPEYAC.

Sem entrar em pormenores da narração das aparições e da mensagem que Maria pede seja transmitida ao

bispo João de Zumárraga(8), percebem-se nela alguns elementos importantes que permitem compreender a mudança que se realizou em relação a quem aparecia, num primeiro momento, como uma divindade protetora dos conquistadores.

A Virgem aparece, antes de tudo, como “mãe compassiva” que assume os traços mestiços do novo povo que surge, mas aparece a um índio. Fala sua língua e assume os símbolos de sua cultura, reconhecendo a dignidade dos indígenas. Deseja que se construa um santuário na região onde viviam os índios marginalizados, *“para nele mostrar e dar todo meu amor, compaixão, auxílio e defesa, pois eu sou vossa mãe compassiva, a ti, a todos vós juntos, os moradores desta terra, e dos demais devotos meus que me invocam e em mim confiam; ali ouvir seus lamentos e remediar a todas as suas misérias, penas e dores”*(9).

Maria suscita logo a confiança de João Diego que a chama “Menina”, “a menor de minhas filhas”, “mocinha”. O índio sente a proximidade e o cuidado da Virgem: *“Não estou eu aqui, eu que sou tua Mãe? Não estás debaixo de minha sombra? Não sou tua salvação? Não estás, por acaso, em meu regaço? De que mais tens necessidade?”*(10).

Esta manifestação de Maria, como rosto materno de Deus, iniciou uma nova compreensão do seu papel na história da salvação e abriu canais novos para a evangelização. Todos foram convocados à periferia para ali encontrar a Mãe de todos os oprimidos que liberta a todos, a partir

dos pobres e em solidariedade com eles.

Guadalupe não é, contudo, um caso isolado. Por toda a amplitude da América Latina, a devoção mariana vai se centrando em imagens e em invocações, cuja história está sempre relacionada com os pobres e marginalizados: índios, negros, gente desprezada, escravos. Não é o caso de recordar os dados históricos das diversas devoções marianas na América Latina, mas sim de sublinhar como, em todas elas, Maria aparece com traços profundamente maternos de proximidade e de preocupação pela situação de miséria e opressão de seus filhos. Isto marcou, até aos dias de hoje, um sulco profundo na religiosidade popular dos povos latino-americanos que descobrem nela *“uma realidade tão profundamente humana e santa que desperta nos crentes as preces da ternura, da dor e da esperança”*(1).

### **Maria na cultura latino-americana**

O Documento de Puebla enumera amplamente os valores religiosos latino-americanos que, enquanto expressão da fé, manifestam o *substrato católico, constitutivo da cultura latino-americana, que lhe dá “unidade espiritual que subsiste, apesar da ulterior divisão em diversas nações e apesar de estar marcada por rupturas em nível econômico, político e social”*(12).

Entre os valores religiosos que penetram a cultura latino-americana, está, sem dúvida, a devoção a Maria.

Tão profundo é este elemento cultural em alguns países, como no Mé-

xico, que alguns historiadores concordam em afirmar que o Tepeyac, Santuário de Maria de Guadalupe, foi o núcleo em torno do qual se forjou a consciência nacional do povo mexicano. Sua devoção, que no começo ressaltou o amparo aos oprimidos, pouco a pouco foi aceita por todos os estratos sociais. O culto à Virgem de Guadalupe adquiriu características de devoção nacional, apresentando-se como símbolo de união entre as raças. O historiador Robert Ricard não hesitou em afirmar: *"A veneração unânime da Virgem Morena é, talvez, o único vínculo que une todos os mexicanos"*(13).

Embora não de maneira tão forte como no caso de Guadalupe, outras devoções marianas, em diversos países da América Latina, aglutinaram os diferentes estratos sociais e, em maior ou menor grau, contribuíram para criar uma consciência nacional. Basta recordar, entre outras, as invocações de Chiquinquirá, na Colômbia; Coromoto, na Venezuela; Copacabana, na Bolívia; Luján, na Argentina; Caacupé, no Paraguai; el Quínche, no Equador; Nossa Senhora Aparecida, no Brasil.

A presença de Maria, a Mãe, na cultura e na religiosidade dos povos latino-americanos se expressa nas celebrações patronais, ocasião de festa, peregrinações, promessas e ex-votos pelos favores recebidos. São celebrações comunitárias que fazem esquecer as diferenças e as divisões sociais. Nelas se mistura o religioso com o profano, numa síntese humana que tem, como pano de fundo, a convicção de celebrar a festa familiar da Mãe.

Em síntese podemos dizer que, durante o período colonial, iniciado com a primeira evangelização, com três séculos de duração, deu-se rápida transição de uma apresentação de Maria que suscita repulsa, por estar ligada à conquista dentro do contexto sócio-cultural dos povos indígenas, a uma compreensão da Virgem como Mãe dos oprimidos, dos pobres, dos índios. Guadalupe é o acontecimento originante desta nova visão. Junto com ele estão as demais devoções, imagens e santuários, surgidos de formas diferentes porém, com as mesmas perspectivas: a expansão da certeza da presença e proximidade da figura maternal de Maria.

## II. Maria, desde a independência até o Concílio Vaticano II

A devoção mariana que penetrou a consciência religiosa e a cultura dos povos da América Latina durante os três séculos do domínio colonial, começou a adquirir um matiz novo a partir das lutas libertárias e do surgimento das novas nacionalidades.

### Maria nas lutas pela independência

As lutas libertárias fizeram aflorar, de maneira nova, o marianismo latino-americano. A convicção da proteção maternal de Maria encontrou novo canal de expressão nas preocupações, angústias e dificuldades dos processos independentistas.

Há uma constante: — todos os movimentos libertários, de uma forma ou de outra, dirigem-se a Maria em busca de ajuda, proteção, impul-

so. No México o Pe. Hidalgo arvorou o estandarte da Virgem de Guadalupe diante de seu exército, enquanto os soldados espanhóis recorrem à proteção de Nossa Senhora dos Remédios. Os grandes libertadores sul-americanos, Belgrano e San Martín, nomeiam a Virgem Generala de seu exército. Bolívar, em várias oportunidades, manifesta publicamente sua devoção mariana, visitando os santuários dedicados a Maria. Outros encomendam a Maria as batalhas que vão travar pela independência de suas nações.

Nasceu, desta maneira, durante os anos da Independência, a fé em Maria como a *Mãe Libertadora*. Novo ponto de referência para compreender a mariologia popular latino-americana(14).

### **Maria na consolidação das novas Nações**

A força da devoção mariana e a carga simbólica das invocações patronais da Virgem não só acompanharam os movimentos independentistas. No processo de consolidação das novas nações estiveram presentes, a nível dos grupos dirigentes, mesmo quando estes eram de tendência liberal e anti-clerical. Em nenhum caso se pôde prescindir do valor do sentimento religioso-patriótico da devoção popular mariana.

Caso típico é o da Virgem de Guadalupe no México. Regimes opostos à Igreja, como o de Benito Juárez, não se atrevem suprimir a festa nacional de 12 de outubro, em honra da Virgem de Guadalupe. Emiliano Zapata, revolucionário do princípio deste século, propugnou a reforma

agrária sob a proteção de Maria de Guadalupe.

Sob o ponto de vista *eclesial* são quase exclusivos os enfoques devocionais um tanto maximalistas. É normal exaltar a figura da Mãe. Invocação mariana privilegiada foi a de Imaculada Conceição. A "Puríssima" era titular de muitas igrejas e catedrais. Outra devoção Mariana preferida, ligada à que se tinha à paixão de Cristo, foi a de Nossa Senhora das Dores, a Virgem da Soledade.

A consideração de Maria como Mãe de Deus e Mãe nossa induz a piedade popular a acentuar o aspecto petitório de milagres e favores. Pede-se a Maria a saúde, libertação dos perigos da alma e do corpo, a salvação eterna, o remédio para todas as necessidades. São-lhe oferecidas promessas, oferendas, práticas especiais, peregrinações. Experimenta-se a necessidade de prestar uma colaboração de filho, oferecendo o que está ao próprio alcance para a solução dos problemas que se apresenta ante a Mãe.

Dentro de um modelo de igreja de neo-cristandade, nas novas nações desenvolve-se enormemente a pastoral dos santuários, as imagens, as festas Marianas, as peregrinações. Os templos dedicados a Maria são o ponto de referência da religiosidade popular. Procura-se enriquecê-los e decorá-los para que apareçam como morada digna da Mãe. É hábito coroar as imagens Marianas. Nas festas, aproveita-se a ocasião para recordar as grandezas de Maria, para proclamar os favores e milagres, que Ela, em sua invocação, realizou para o

bem de seus devotos, para aproximarem-se dos sacramentos. Ordinariamente as festas patronais são precedidas, ou seguidas, de peregrinações, frequentemente a pé, até ao santuário, percorrendo distâncias consideráveis. Muitas vezes entra-se no santuário de joelhos, procura-se ficar perto da imagem diante da qual se acendem velas, toca-se a imagem com objetos. Nos santuários fundam-se Irmandades ou Confrarias que se comprometem a fazer algumas práticas de piedade e, sobretudo, a conservar dignamente o templo e a preparar as festas anuais. Cintas, medalhas, escapulários, e outras insígnias, exteriorizam a devoção que se tem a Maria.

O marianismo latino-americano, em toda esta época, ao mesmo tempo que tinha valores inegáveis, não logrou superar uma série de limitações. Estas aprofundam suas raízes no encontro da primeira evangelização e o mundo cultural indígena que deu lugar a uma sociedade pronunciadamente machista. Certamente a piedade mariana unia as diferentes classes sociais, sobretudo nas festas patronais; tinha, porém, pouca incidência na transformação da sociedade: na libertação da mulher; na exigência cristã da justiça, base de toda fraternidade autêntica. A evangelização colonizadora não se transformou, com a Independência, em evangelização libertadora. E isso tornou possível que, em países cristãos, se vivam estruturas de pecado social expressas “na situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos e que se exprime, por exemplo, em mortalidade infantil, em falta de moradia adequada, em problemas de saúde, salários de

fome, desemprego e subemprego, desnutrição, instabilidade no trabalho, migrações maciças, forçadas e sem proteção, etc.”(15).

### III. Maria na época pós-Conciliar

O marianismo latino-americano começou a mudar de direção a partir do Vaticano II que veio iluminar a tomada de consciência dos cristãos, num continente cristão, selado pela injustiça e a opressão.

Foi sobretudo a Constituição *Gaudium et Spes* a que proporcionou maior aproximação à realidade concreta da América Latina. Nesse documento fala-se de uma igreja no mundo, preocupada com os problemas reais do mundo, de suas alegrias e esperanças, suas tristezas e angústias, consciente da necessidade de encarnar a mensagem evangélica nas diversas culturas(16). Assim aconteceu que, na América Latina, o destinatário principal da evangelização era um povo com fé, mas, que em sua grande maioria, vivia em condições infra-humanas e se perguntava o que o cristianismo podia fazer para ele. Passou-se, então, a pôr o acento na libertação e num labor apostólico e pastoral orientados para a promoção humana integral, que não se reduz à dimensão econômica, política, social e cultural, mas as tem muito em conta(17). Influíram, também, na pastoral e na teologia latino-americanas, algumas perspectivas teológicas do mesmo Concílio: a da unidade do plano da criação, da salvação e a escatologia como dimensão também da nossa história na qual se realiza a salvação.

O exercício de uma pastoral renovada levou gradualmente a repensar a fé. Isto, por sua vez, influenciou na mudança da pastoral. De uma pastoral de cristandade e de nova cristandade passou-se, pouco a pouco, a uma maturidade cristã e profética.

No terreno mariológico, o Concílio marcou nova direção ao colocar Maria dentro do mistério de Cristo e da Igreja e ao apresentá-la encarnada em sua história(18). Alguns anos após o Concílio, em 1971, Paulo VI desenvolvia a doutrina mariana em sua Exortação Apostólica *Marialis Cultus*. Nela, entre outras coisas, dava quatro orientações para o culto de Maria. Pedia que fosse mais bíblico, litúrgico, ecumênico e antropológico(19). Estas orientações, unidas à religiosidade popular e à renovação pastoral, fizeram com que os cristãos da América Latina redescobrissem a figura de Maria a partir da perspectiva “opressão-libertação” que levou a uma opção preferencial pelos pobres em Medellín e em Puebla(20). A partir deles, que começam a ser sujeitos ativos na Igreja, especialmente através das Comunidades Eclesiais de Base, e de acordo com as exigências de uma *evangelização libertadora*, nasceu um novo marianismo latino-americano. Nele irradiam todas as forças libertadoras do evangelho.

### **Maria na realidade latino-americana**

A evangelização libertadora descobre Maria presente na vida dos crentes latino-americanos com uma luz nova.

Assim, ela aparece como “o grande sinal, de rosto materno e misericordioso, da proximidade do Pai e do Cristo, com quem ela nos convida a entrar em comunhão”(21); como “presença feminina que cria o ambiente de família, o desejo de acolhimento, o amor e o respeito à vida... presença sacramental dos traços maternos de Deus”(22); como “vínculo resistente que mantém fiéis à Igreja setores que carecem de atenção pastoral adequada”(23).

Na realidade latino-americana o povo se sente identificado com Maria, Mãe dos oprimidos. Porém, hoje ele o faz de modo diferente. Não só na linha individualista, mas também social. Não unicamente para experimentar alívio e consolo mas, sobretudo, para comprometer-se numa linha de libertação evangélica que transforme a sociedade de acordo com o projeto de Deus.

### **Maria em sua realidade vista a partir da realidade latino-americana**

A partir da problemática latino-americana, o povo simples e crente foi se aproximando, com olhos novos, da Maria do Evangelho e a foi descobrindo como mulher simples e forte, “que conheceu de perto a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio (cf. Mt. 2, 13-23): — situações estas que não podem escapar à atenção de quem quiser secundar, com espírito evangélico, as energias libertadoras do homem e da sociedade”(24).

Sobretudo, se põe em relevo que Maria de Nazaré viveu aberta para Deus e próxima ao povo(25). Aberta

para Deus, escutamos sua Palavra na Escritura e na vida (Lc 11, 27); cren- do nessa Palavra com fé abramica que enfrenta dificuldades concretas e se desenvolve na obscuridade e na provação (Lc 1,45; Mt 1,13-23); vi- vendo as exigências da Palavra em todas as circunstâncias, sem entender muitas coisas; conservando tudo em seu coração (Lc 2,19, 50-51), cami- nhando como peregrina da fé e da esperança.

Sua proximidade do povo aparece quando Maria se preocupa com as ne- cessidades das pessoas: vai visitar sua prima Izabel para ajudá-la quando está para ter filho (Lc 1, 39-45.56); nas bodas de Caná preocupa-se com as necessidades materiais da família que oferece o banquete (Jo 2,1-12); acompanha os apóstolos na oração, apesar deles terem abandonado o Se- nhor (At 1, 14). A Virgem fazia par- te do povo simples. Era uma "pobre de Yahvé", aberta ao serviço dos ir- mãos porque estava aberta para Deus e para seus planos (Lc 1, 45-55).

## A Virgem do Magnificat

Dentre todos os aspectos da vida de Maria, a experiência latino-ameri- cana atual sublinha (porque respon- de a uma necessidade existencial e nela se enquadra perfeitamente) que ela "longe de ser uma mulher passi- vamente submissa ou de uma religio- sidade alienante foi, sim, uma mulher que não duvidou em afirmar que Deus é vingador dos humildes e dos oprimidos e derruba de seus tronos os poderosos do mundo" (26).

O fato de que se volte a tomar consciência de que Maria, não somen- te é pobre, mas que se põe do lado

dos pobres, e profundamente signifi- cativo para os cristãos comprometidos numa evangelização libertadora, dentro da opção preferencial pelos pobres; esta foi, também, a opção do próprio Jesus que se constituiu em sinal messiânico e em sinal de autenticidade evangélica para os cris- tãos de todas as épocas. "A imagem de Maria profetisa e libertadora emerge da leitura teológica feita no transfundo de nossa situação de ca- tividade e opressão. Lemos com os olhos de hoje as Escrituras escritas ontem... A espiritualização que se realizou do Magnificat, dentro dos quadros de uma espiritualidade pri- vatizante e intimista, acabou por es- vaziar todo o conteúdo libertador e subversivo para a ordem deste mun- do, presente de forma inequívoca no hino da Virgem" (27).

Esta experiência latino-americana de Maria, como mulher livre e liber- tadora, influiu, sem dúvida, em al- guns documentos recentes da Santa Sé, nos quais se fala com insistência da *Virgem do Magnificat*. Assim, por exemplo, o segundo documento sobre liberdade cristã e libertação, *Liber- tatis Conscientia* (1986), da Congre- gação para a Doutrina da Fé, relacio- na a Virgem do Magnificat com os anseios de salvação libertadora dos povos, quando, comentando o Magni- ficat, afirma que "Maria, ao lado do seu Filho, é a imagem mais perfeita da liberdade e da libertação da hu- manidade e do cosmos. A Igreja deve olhar para ela, Mãe e Modelo, para compreender em sua integrida- de, o sentido de sua missão" (28). E o Papa João Paulo II, em sua recente Encíclica *Redemptoris Mater* (1987), afirma que a Igreja se sente confor-

tada com as palavras de Magnificat e deseja com elas iluminar "os difíceis e, por vezes, intrincados caminhos da existência terrena dos homens... (e) renova cada vez mais em si a consciência de que não se pode separar a verdade a respeito de Deus que salva, de Deus que é fonte de toda a dádiva, da manifestação do seu amor preferencial pelos pobres e pelos humildes, amor que, depois de cantado no Magnificat, se encontra expresso nas palavras e obras de Jesus" (29).

O marianismo do mundo latino-americano é, como vimos, algo pertencente à íntima identidade religiosa e cultural dos povos que o formam. Sem deixar de caracterizá-los hoje como nos princípios da evangelização este marianismo está mudando de sinal e cada vez mais se con-

verte em fonte de um cristianismo mais evangélico e libertador.

A nova evangelização, à qual João Paulo II está nos convocando, "nova em seu ardor, nova em seus métodos, nova em sua expressão" (30), está encontrando — e deve seguir fazendo-o — um dinamismo renovado no marianismo dos crentes latino-americanos que, sem descartar a vivência secular de sua devoção à Virgem como Mãe dos oprimidos, compassiva e próxima, a enriquecem com as novas luzes que o Espírito comunica. São essas luzes que fazem ver em Maria, mulher livre e libertadora, a Mãe e o Modelo que orienta os crentes desejosos de responder, através de sua fé, aos desafios dos sinais dos tempos no compromisso de uma evangelização libertadora.

## NOTAS

(1) Documento de Puebla, 282. (2) Cf. ib. 283. (3) Cf. *Marialis Cultus*, 37. (4) "Na história da mariologia popular latino-americana podem-se distinguir três etapas diferentes: a Mariologia da Conquistadora que chega com os barcos espanhóis; a Mariologia de "Nossa Mãe dos Oprimidos" que providencialmente se inaugura em Guadalupe; a Mariologia de "Nossa Mãe da Libertação" que começa a perfilar-se durante esses últimos anos. Entre a Mariologia de "Nossa Mãe dos Oprimidos" e a de "Nossa Mãe da Libertação" pode-se intercalar um capítulo importante e que iniciaria uma transição, a de "Nossa Mãe Libertadora", característica dos anos da independência política do continente e do nascimento das nacionalidades". A. GONZALEZ DORADO, *Mariologia popular latino-americana* (Assunção, 1985) p. 117. (5) MEDELLIN foi a IIª Conferência Geral do Episcopado latino-americano, celebrada em 1968; PUEBLA foi a IIIª Con-

ferência Geral, celebrada em 1979. (6) Cf. A. GONZALEZ DORADO, OC. pp. 30-32. "É perante esta complexa conquista, em que Maria aparece, na fé dos conquistadores, como a Conquistadora, que se surge uma ambígua teologia mariana, se a analisarmos desapassionadamente; e uma imagem de Maria muito mais ambígua para o indígena que se sentia agredido por militares e missionários "conquistadores" (ib. p. 32). (7) V. ELIZONDO, *Maria e os pobres: um modelo de ecumenismo evangelizador* em "A mulher pobre na história da Igreja latino-americana" (São Paulo, 1984) p. 22. (8) A narração de tudo isto encontra-se no livro de ANTONIO VALERIANO, *Nican Mopohua*, escrito por volta de 1549. O autor era índio (1520-1605). (9) *Nican Mopohua*, 23-25. (10) Ib. 76. (11) Documento de Puebla, 291. (12) Ib., 412. (13) R. RICARD, A conquista espiritual do México, ensaio sobre o Apostolado e os métodos missio-

nários de 1523-1572 (México, 1947) p. 354. (14) A. GONZALEZ DORADO, o. c. p. 51. (15) Documento de Puebla, 29. (16) Cf. GS, 1. (17) Cf. *Evangelii Nuntiandi*, 33.31. (18) Cf. LG, 52-69. (19) Cf. *Marialis Cultus*, 29. (20) Cf. MEDELLIN, *Pobreza na Igreja*; Documento de Puebla, 1134-1165. (21) Documento de Puebla, 282. (22) *ib.*, 291. (23) *ib.*, 284. (24)

*Marialis Cultus*, 37. (25) Cf. MESTERS, C., *Maria, a Mãe de Jesus*, Madrid, Ed. Paulinas, 1981. (26) *Marialis Cultus*, 37. (27) L. Boff, *O rosto materno de Deus* Petrópolis, 1979) pp. 198, 209. (28) *Libertatis Conscientia*, 97; cf. 98. 100. (29) *Redemptoris Mater*, 37. (30) JOÃO PAULO II, discurso na Catedral de Porto Príncipe — Haiti — 1983. □

---

## PÉ DE PÁGINA

*Pe. Marcos de Lima, SDB*

A Igreja é, a um tempo, humana e divina, visível, mas ornada de dons invisíveis, operosa na ação e devotada à contemplação, presente no mundo e, no entanto, peregrina no mundo; e isso de tal maneira que nela o humano se ordena ao divino e a ele se subordina; o visível ao invisível, a ação à contemplação e o presente à cidade futura que buscamos, *Sacrosanctum Concilium* n<sup>o</sup> 2.

### Mulher, imagem de Deus

**Bíblia** — “Por acaso uma mulher se esquecerá de sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho de seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem, eu não me esquecerei de ti”, Is 49, 15.

**Leitor** — ‘O rosto materno de Deus’. Sempre, sobretudo na oração, confiança. Sentir-se como que no colo de Deus.

### Não é um sonho proibido

**Bíblia** — “Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses”, Gn 3, 1-7.

**Leitor** — Ser como Deus não é um sonho proibido. Pelo contrário, condensa um desafio e um compromisso. É a palavra de Jesus: “Deveis ser perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito”, Mt 5,48. Amar como o Pai ama. Amor puro, por isso, gratuito. Ser misericordioso. Perdoar como Ele perdoa. Jesus é a “imagem do Deus invisível”, Cl 1, 15. Portanto, servir como ele serviu. Doar-se como ele se doa.

# A VIDA DA TRINDADE EM NÓS

*Deus não está longe de sua criação. Pelo contrário, mora nela. "Se ocultas o teu rosto, eles se perturbam. Se lhes cortas a respiração, morrem e voltam ao pó. Envias teu Espírito e assim renovas a face da terra" Sl 103.*

**Franziska Carolina Rehbein, SSpS**

O Tema da nossa reflexão é uma palavra de Arnaldo Janssen: "Viva Deus uno e trino em nossos corações e nos corações de todos os homens". Nesta palavra, que expressa o espírito e as intenções de nosso fundador, encontramos, em forma sintetizada, a nossa espiritualidade trinitária e o nosso carisma missionário.

Conhecemos esta frase. Usamo-la muitas vezes nas nossas orações. Colocamo-la no cabeçalho de nossas cartas, cantamo-la; ela se encontra em nossas Constituições. Contudo, perguntamo-nos: o que significa ela para nós, na nossa vida diária? Como se mostra no nosso compromisso por justiça e paz, no nosso empenho pelos necessitados e empobrecidos, na nossa doação aos doentes e sofredores? Essa palavra é alimento para nós, no nosso apostolado? Será que ela é, de fato, um programa de vida para nós?

E na nossa vida pessoal, nas horas de dúvida e de escuridão, do sofrimento e da dor, da doença e da solidão, será que ela é algo que nos sustenta, que nos dá força e coragem para carregar a nossa cruz? Talvez deveríamos perguntar uma vez, especialmente neste ano de graça e de renovação: até que ponto ela, de fato, marca a minha vida pessoal, torna-se um princípio de vida para mim? Como podemos compreender essa vida da Trindade em nós? Muitas vezes foi dito que não podemos imaginar ou representar Deus, que ele é mistério, impenetrável mistério. De certo isto é verdade. Contudo, com essa resposta, às vezes um tanto apressada, esquecemos que Deus se nos deu a conhecer, que ele se revelou e se comunicou a nós.

No mistério de sua Encarnação ele não apenas revelou algo; mas nos revelou o mistério de sua própria vida

e nos convida a participar desta vida e deste mistério inefável: "Muitas vezes e de muitos modos falou Deus, outrora, aos nossos pais, pelos profetas; mas ultimamente falou-nos por seu Filho, que constituiu herdeiro de tudo, por quem igualmente criou o mundo" (Hb 1,1-1).

Deus é mistério eterno, inefável inatingível e incompreensível para os homens. Mas ele mesmo tomou a iniciativa de desvendar este mistério e comunicou-se a nós.

O primeiro livro de sua revelação é a criação. Ela é marcada pelos sinais da glória divina de seu ser trinitário. E não apenas isso; Deus não somente criou o mundo "fora" de si mesmo, mas desde o início Ele habita nele. Deus não está longe de sua criação, mas de maneira misteriosa está presente nela, "mora" nela: "Ele mantém o universo pelo poder de sua palavra" (Heb 1,3). Pela sabedoria que Deus derramou sobre todas as suas obras (Ecl 1,9ss) ele habita misteriosamente no meio de sua criação (Jó 28). Ela só existe na força do Espírito de Deus, que a criou e está presente nela como princípio de vida. Se Deus lhe tirasse o seu Espírito, ela voltaria ao nada.

"Se ocultas o teu rosto, eles se perturbam; se lhes cortas a respiração, morrem, e voltam ao seu pó. Envias o teu Espírito, eles são criados, e assim renovas a face da terra" (Sl 103,29ss).

A criação com todas as suas maravilhas traz os sinais do seu Criador; o Espírito de Deus está presente nela, enche-a de vida e faz com que ela responda ao seu apelo de vida.

Ela, porém, não o sabe. Ela não sabe de sua beleza, não sabe que ela é revelação de seu Criador.

Tudo o que ela é e o que nela existe recebe seu sentido apenas no homem, por causa de quem ela foi criada. Nele a criação chega à consciência de si, recebe o seu destino e seu sentido. Nele a criação se torna o louvor e a revelação do Criador.

## **1 — O homem: imagem da Trindade**

Nas primeiras páginas da Bíblia a Palavra de Deus nos diz que fomos criados à imagem e semelhança de Deus (Gen 1,26). À luz da revelação que a encarnação do Filho nos trouxe, sabemos que este Deus, a cuja imagem fomos criados, é o Deus Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. A criação inicial é aberta: ela se encontra à espera "do homem". Só Cristo, o Filho de Deus humanado, é a verdadeira "imagem", o reflexo do Pai. Ele é o original "modelo" divino e, por isso, pode-se tornar o "primogênito entre muitos irmãos" (Rom 8,29). E a nossa vocação consiste em tornarmo-nos conforme essa imagem.

Essa imagem que o homem traz em si não é algo estático, mas dinâmico; é vida, dinamismo, é fonte de nova vida e ser. Cada vez que Deus cria um novo ser humano, comunica-lhe algo de sua própria vida, de seu próprio Espírito (Sl 104,30). E ao mesmo tempo lhe dá a capacidade de aceitar e acolher essa vida, esse amor, esse mistério do ser.

Somos criados segundo o modelo da Trindade, ou seja, somos uma

imagem da eterna dinâmica de amor entre o Pai e o Filho. Cada vez que uma criança acorda para o mistério da vida, quando reconhece e acolhe o amor e a doação dos pais, responde com o sorriso e a alegria de alguém que reconhece o amor e a pessoa do pai e da mãe, vemos e experimentamos o reflexo do eterno mistério do amor entre o Pai e o Filho.

Nós não temos a origem da vida em nós, mas a recebemos de outrem; ela nos é doada. Ela é dom. Quando reconhecemos este dom, quando aceitamos o mistério profundo que a vida nos é doada, que ela é dom, então realizamos, ao nível de criatura, de maneira análoga, o mistério do Filho divino que recebe todo o seu ser e toda a sua vida do Pai. O Pai, mesmo no interior da Trindade, é sempre a origem, a fonte da vida e do amor. O Filho é aquele que recebe tudo do Pai, sua vida divina e todo o seu ser. "Pois como o Pai tem a vida em si mesmo, assim também deu ao Filho o ter a vida em si mesmo" (Jo 5,26). E assim como o Filho é todo abertura, resposta e gratuidade, acolhimento e aceitação de tudo o que ele recebe, assim também a criatura se caracteriza pelo acolhimento e reconhecimento da vida e do ser. Tudo lhe é doado; tudo o que a criatura é e tem, ela o é por puro dom e dádiva.

Guardadas as diferenças infinitas entre vida humana e vida divina, entre o ser infinito de Deus e o finito da criatura, podemos dizer que aquilo que Deus Pai é desde toda a eternidade em relação ao seu próprio Filho, ele o é também em relação aos homens. Assim como o Pai, desde

toda a eternidade, e antes de todo o tempo encontra sua alegria em doar-se, em comunicar todo o seu ser e sua vida ao Filho, ele encontra sua alegria em nos criar e amar. Ele nos cria para nos poder amar.

Podemos também dizer que o Filho, desde toda a eternidade, é destinado a tornar-se a imagem criada de Deus, a tornar-se homem. Isto significa que a criação do mundo e a encarnação do Verbo divino atingem profundamente as relações intertrinitárias. Se Deus é amor, ele deve autodoar e comunicar-se. Amor que se comunica a si mesmo só se torna feliz se o amor é respondido. Na encarnação do Filho, este faz os homens participarem de seu relacionamento filial com o Pai, isto é, lhes dá o dom de partilhar na sua resposta de amor ao Pai. Com isto o Pai recebe uma dupla, ou melhor, uma múltipla resposta de seu amor: a do Filho e a de todos os homens que foram chamados a realizar em si a imagem de Deus. Esta resposta de amor do homem é, porém, uma resposta livre. Nisto consiste sua grandeza — mas também o "risco" para Deus. Ele espera pela livre resposta do homem. Amor não pode ser forçado.

Se o amor que se autocomunica só se torna "feliz" pela resposta do amor, então o Pai se torna "mais feliz" pela resposta múltipla, pela resposta dos irmãos e irmãs do Filho. Isto soa de modo inaudito e arriscado e não está de acordo com a imagem de Deus dos filósofos, que nos apresentaram um Deus imutável, distante, que se basta a si mesmo e é eternamente feliz em si mesmo. Isto, porém, não é o Deus que Jesus Cristo nos revelou.

Olhemos uma vez o capítulo 15 do Evangelho de Lucas, verdadeiro coracão do Evangelho. A imagem do Pai que Jesus aqui apresenta é a imagem do Deus que *espera* pela resposta das suas criaturas, do Pai que só é feliz quando também o último dos seus filhos volta para a resposta do amor. O pastor que, cheio de alegria, coloca a ovelha perdida nos ombros, a mulher regozijante que chama as vizinhas pela alegria de ver encontrada a dracma perdida, o pai que corre ao encontro do filho perdido e o cobre de beijos, este é, na verdade, o Deus que espera "impaciente" pela resposta de amor de seus filhos.

Isto soa de modo tão "incrível" para nós que preferimos não acreditar. Um Deus que nos leva tão a sério que só se torna "feliz" pelo nosso amor parece uma "estória", linda demais para ser verdadeira. Temos dificuldade em acreditar que realmente somos amados — por nós — eu, no nosso eu individual e inconfundível, no nosso ser profundamente pessoal.

Esta fé, o acolhimento deste amor é graça, que nos é dada, mas que devemos aceitar. E, por paradoxal que isto pareça, torna-se difícil para nós deixar-nos realmente presentear. Preferimos lutar e conquistar a vida e seus bens, a felicidade é a alegria pela própria força. E, justamente com isso, nos fechamos ao amor de Deus e dá participação no relacionamento de amor do Filho unigênito com seu Pai. Pois o "ser" do Filho consiste em seu puro dom, pura dádiva do Pai. Ele, realmente, recebe tudo do Pai, e ele nada é e tem que não tivesse recebido. E sua felicidade consiste neste acolhimento do ser e do amor e na sua simultânea res-

posta. É neste feliz dar e receber, neste inefável ouvir e ser resposta que Jesus nos quer fazer participar. Mais ainda: ele o quer viver em nós e através de nós. Na Encarnação do Filho, a Trindade "se abre", por assim dizer: os "filhos de Deus", todos os que se deixam transformar pelo Espírito em verdadeiras imagens do Filho, participam das relações trinitárias do Filho, do Pai e do Espírito (Rom 8,14-16.29). Em nós e através de nós o Filho quer ser resposta ao Pai. Quanto mais entrarmos com todo o nosso ser neste ouvir e acolher e ser-resposta do Filho tanto mais realizamos nossa vocação e nosso destino, tanto mais nos tornamos realmente filhos e filhas de Deus. Nós nos tornamos "Deus por graça", isto é, nos tornamos por pura graça o que o Filho é por natureza.

## 2 — A negação de se deixar amar

Se compreendemos um pouco como são importantes para Deus essa acolhida e livre resposta do homem, então também vislumbramos o que significa o "não" e a negação em relação a Deus. Então também compreendemos porque Deus ama a pobreza e os que são realmente pobres de coração, pobres no mais profundo de seu ser, aqueles que sabem e experimentaram profundamente que, de fato, receberam tudo de Deus, e, por isso não querem segurar e possuir nada para si, egoisticamente.

Então também compreendemos como todo agarrar e querer possuir é estranho para Deus, porque Ele é eterna doação e autocomunicação. Por isso, todo segurar e acumular,

seja de bens materiais, seja de bens espirituais, é idolatria, mentira, — porque, com isso, queremos comprar a nossa felicidade e salvação, porque a esperamos de algo que não é Deus. Isso nos faz compreender porque Jesus era tão rigoroso em relação aos fariseus, porque eles negaram a verdade do seu ser, que consiste em reconhecer que tudo é graça, que recebemos tudo de Deus.

Isto é também o pecado de nosso tempo: o espírito do individualismo e do capitalismo que sem cessar só pensa em si mesmo e só acumula para si mesmo. Porque Deus é comunicação e doação infinita, porque ele, humanamente falando, não pode outra coisa a não ser doar-se e comunicar-se a fim de fazer todos participarem da riqueza de sua vida; todo individualismo e egoísmo é tão estranho a ele.

Enquanto o Filho é pura acolhida e gratuidade, nas criaturas o amor pode transformar-se em ambição, ganância ou desejo de posse e egoísmo, que escravizam o amor. Temos de estar prontos a nos “perder”, a não agir possessivamente em relação ao amor, mas sim prontos a deixar-nos amar na total pobreza, “pois quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará” (Lc 9,24).

Quem não sabe acolher o amor, nunca vive no sentido pleno da palavra. A pobreza do ser que acolhe é a condição para o amor. Quem não sabe agradecer, nunca se torna plenamente “humano”; onde não existe gratuidade o amor se perde.

Dia a dia temos de ir redescobrimdo que necessitamos dos outros. No

nosso ser mais profundo somos marcados pela acolhida do ser, porque trazemos em nós o sinal do eterno amado, do Filho. Por isso, o nosso ser pessoal é “ser-com”, na comunhão do amor.

Por esta razão, o pecado, no seu sentido mais profundo, é a negação de se deixar amar e de dar resposta no amor. É a vontade de atribuir exclusivamente a si a realização do próprio ser, a negação do amor e de qualquer dependência, a incapacidade de se comunicar, de se doar, e se abrir. É a mentalidade que faz do próprio eu o centro de tudo, e de perceber as pessoas e as coisas apenas enquanto se referem ao próprio eu. Cada pecado é a tentativa de construir a felicidade pelas próprias forças. Entretanto, justamente os valores mais profundos da vida não podem ser produzidos por nós mesmas, mas só podemos recebê-los como dom.

Deixar-se de fato amar por Deus exige de nós uma verdadeira metanóia; pois algo em nós nega-se a “receber”. A fé é a convicção profunda de que Deus nos ama e o acolhimento deste amor.

Todos nós temos a liberdade de negar-nos ao amor, de rejeitá-lo. Deus está à nossa porta e bate (Apoc 3,20). Ele espera. Ele não nos força, pois o respeito é o núcleo mais íntimo do amor. Porque Deus ama realmente e o respeito pelo outro é o núcleo mais íntimo do amor, ele quis correr o risco de nos criar livres e, com isso, a possibilidade real da negação do seu amor.

No AT, o profeta Jeremias descreve o pecado com a imagem de “vol-

tar as costas para Deus e não a face” (Jer 7,24); enquanto Paulo descreve a nossa vocação como sermos “santos e irrepreensíveis diante da face, no amor” (Ef 1,4). Podemos imaginar plasticamente a nossa vida como um caminho. O abandono do caminho errado seria então não dar mais as costas para Deus mas dando uma volta de 180 graus caminhar decididamente em direção a Deus.

Somos acostumados a ver a misericórdia de Deus como algo unilateral, em inclinar-se para o miserável, o pobre, o pecador. O Papa João Paulo II, na sua encíclica “*Dives in Misericordia*”, fala, por sua vez, do duplo movimento da misericórdia: o amor de Deus é gratuito, infinito; ele deve amar porque é amor. O movimento do amor que é próprio do Pai na entrega e doação ao Filho se torna mais gratuito e superabundante ainda em relação à criatura, e, mais ainda, em relação à criatura miserável, ao pecador; àquele que lhe tinha voltado as costas.

Mas, como o Pai do Filho eterno só se torna feliz na acolhida e na resposta de seu amor pelo Filho, assim também o amor misericordioso só se plenifica e se torna feliz quando o acolhe o homem, que anteriormente o rejeitara. Temos a possibilidade de frustrar o amor misericordioso do Pai, de rejeitá-lo. Só quando o acolhemos, “fazemos Deus feliz”, permitimos-lhe realizar o seu amor.

A criação inteira manifesta vestígios do Deus trino. O homem foi criado segundo a imagem da Trindade, com a tarefa de realizar e consumir este “modelo”, conscientemente, em sua vida. Pela negação de acolher

o amor de Deus, o homem não apenas perturba e frustra o seu relacionamento com ele, mas anula também os sinais de Deus na criação e destrói as relações da sociedade humana que devem ser imagem das relações da Trindade.

Todo pecado, por mais secreto e oculto que seja, atinge as relações entre os homens; tem, em outras palavras, uma dimensão social. Se a minha temperatura espiritual abaixa, também a temperatura do meu ambiente abaixa. Se eu sou egoísta, faço também o meu ambiente mais voltado para si mesmo.

O egoísmo tem a tendência de se objetivar, de tornar-se autônomo, de criar estruturas de injustiça e de pecado. O pecado é sempre uma atitude que atinge a sociedade, e isto não apenas no momento em que acontece, mas até as gerações futuras, isto é, através da mentalidade e das estruturas que ele cria, ou melhor, desfigura. Numa sociedade onde se propaga e enaltece como valor supremo o individualismo, desaparecem justiça e fraternidade.

De certo é importante para nós tomarmos consciência deste clima no qual vivemos, pois é nesta sociedade que vivemos e é aqui que devemos responder a Deus. É aqui que somos chamados para acolher em nós a imagem divina do amor trinitário e para responder a ele. Mas, pela mentalidade que respiramos, pelas estruturas de egoísmo que gerações antes de nós criaram, a nossa liberdade está condicionada, situada, “reduzida”. Requer-se um esforço muito maior para responder positivamente aos apelos do Espírito, do amor. Cons-

tantemente estamos em perigo de nos deixar penetrar pelos valores da sociedade de consumo. Já nos deixamos contaminar por muita coisa, através da própria cultura na qual vivemos.

Devemos tomar consciência de que existe uma oposição radical entre este espírito do mundo e o espírito do Evangelho. Não podemos viver "inocentemente" neste mundo. Isto seria a maior alienação.

### 3 — O Cordeiro de Deus

Vimos acima que a vida da Trindade em nós não é algo estático, mas dinâmico. Trata-se, de fato, da *vida* do Deus uno e trino em nós. Em nós se realiza o mistério inefável do Pai que se inclina amorosamente para o Filho, que lhe revela o seu íntimo mistério e lhe comunica todo o seu ser, sua própria vida.

O Filho é eternamente a resposta ao Pai, o eterno Sim do Pai. Ele, que repousa no íntimo da Divindade, "no seio do Pai" (Jo 1,18), como diz o evangelista João, acolhe essa vida, esse dom inefável do Pai. O Pai existe, encontra morada no amor, no coração, na vida do Filho. E ambos "moram" no Espírito, assim como o Espírito existe em ambos. Trata-se de um processo eterno e dinâmico de vida pelo qual inabitam um no outro em virtude do amor eterno. E, juntos, segundo a medida de nosso amor e de nossa entrega, eles querem tomar moradia em nós. "Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e o meu Pai o amará e viremos a ele e nele faremos a nossa morada" (Jo 14,23). Somos convidados a partici-

par nesta dinâmica da vida divina em nós.

Como podemos imaginar esta participação, ou melhor, como podemos realizá-la conscientemente? O mistério da vida da Trindade é um mistério que nos foi revelado pela encarnação do Filho. "Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e também ninguém conhece o Pai senão o Filho e a quem o Filho o quiser revelar" (Lc 10,22). Só através de Jesus, o Filho humanado do Pai, temos acesso a esse mistério.

Para o nosso contexto aqui é importante ressaltar, como já mencionamos acima, que a encarnação do Verbo atinge profundamente as relações intratrinitárias. Mais ainda: a encarnação do Filho não é uma passagem. Ela é e permanece para a eternidade. O Filho de Deus permanece para a eternidade. O Filho de Deus permanece, para toda a eternidade, aquele que se entregou por nós, o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo (Jo 1,29).

No 5º capítulo do Apocalipse, são João nos apresenta uma visão grandiosa, mostrando, em imagens simbólicas, a revelação dos segredos do mundo e da história pelo Cordeiro imolado(1). Na mão Daquele que está sentado no trono, isto é, de Deus Pai, encontra-se o livro da história e dos desígnios do mundo, selado com sete selos. E ninguém se encontra que tenha sido achado digno de abrir o livro e de desatar os selos.

E o vidente chora muito, porque ninguém fora achado digno de abrir o livro do curso do mundo e da história e de penetrar nos seus mistérios. De fato, se a gente olha o mundo e

a história com suas intermináveis guerras, dominações e explorações, uma história de luta e de sangue em que o poder do mal esmaga e parece vencer continuamente o bem este livro da história se nos afigura um mistério imperscrutável, sem sentido, fechado com sete selos. Uma tristeza imensa e uma dor indescritível invadem aquele que procura entender este emaranhado de injustiça e violência, de sangue e de morte.

No entanto, o que aos olhos humanos é impossível, para Deus não o é. E ele vem consolar o vidente: "Não chores! Eis que o leão da tribo de Judá, o descendente de Davi, achou meios de abrir o livro dos sete selos" (5,5). O mundo e a história não estão perdidos, sem sentido, porque foi encontrado alguém capaz de desvendar os seus segredos. É um ser humano, da tribo de Judá, descendente do rei Davi, forte como um leão.

Qual é a força capaz de quebrar os selos, de desvendar os segredos do livro da história? Aparece então no meio do trono de Deus, dos quatro seres vivos e no meio dos anciãos um Cordeiro como que imolado, mas de pé; ele veio e recebeu o livro da mão direita daquele que se assentava no trono.

A primeira vista nos chama a atenção o contraste: o que foi apresentado como digno de receber o livro com os desígnios da história é um leão; mas o que aparece é um Cordeiro, um Cordeiro imolado. Ainda traz os sinais de sua execução; mas está em pé, como sinal da ressurreição e da vida.

Nesta linguagem simbólica do leão e do Cordeiro, São João apresenta o mistério da Redenção, da salvação na história e o poder de Deus que é capaz de se tornar fraqueza, impotência; a quênose de Deus na imolação do seu Filho. A salvação dos homens não se realiza pelo poder de Deus e dos homens, simbolizados pelo leão, mas pela fraqueza de Deus e pela quênose do seu Filho, pela imolação do Cordeiro.

#### 4 — No coração da Trindade e da História

Este Cordeiro imolado se encontra no meio do trono, do trono de Deus, dos quatro seres vivos e no meio dos anciãos. Chama a nossa atenção a insistência do Evangelista com o "no meio": no meio do trono, e no meio dos anciãos. O trono de Deus certamente representa o poder de Deus, sua majestade, sua onipotência, sua santidade inacessível, sua força criadora e junto com ela toda a criação, escabelo de seus pés... E, no meio, no centro do poder e da majestade de Deus, encontra-se o Cordeiro imolado. No centro, no coração do mistério de Deus está a quênose de Deus, simbolizada pelo Cordeiro imolado. Mas o Cordeiro encontra-se também no meio dos seres vivos e dos anciãos, isto é, no meio dos representantes dos homens, no coração da história humana.

De fato, o mistério pascal se encontra no centro da história humana, da história da salvação. Todos os caminhos da história convergem para a cruz e a ressurreição e só aqui se revela o seu sentido. Ora, olhando agora para a nossa vida pessoal, de-

vemos dizer aqui também: se o Cordeiro imolado se encontra no centro do mistério de Deus e no centro da história da salvação, ele deve encontrar-se também no centro da nossa vida pessoal. O que significa isto em termos de vivência, de vida concreta?

Se olharmos ao nosso redor, para a realidade "profana", observamos que também hoje os povos gostam de apresentar suas características através de símbolos. Geralmente são animais de rapina simbolizando o poder, a força, a inteligência das nações. Assim temos o leão britânico, o urso da Rússia, a águia dos Estados Unidos. Se olharmos agora para a Sagrada Escritura encontramos essa linguagem simbólica já no AT. O profeta Isaías apresenta os dominadores e exploradores sob o símbolo de animais ferozes que se encontram em oposição ao plano salvífico do Reino de Deus. E eles não encontram o caminho da salvação dos tempos messiânicos:

"...haverá uma vereda pura, que se chamará o caminho santo, nenhum ser impuro passará por ele, e os insensatos não rondarão por ali; nele não se encontrará leão, nenhum animal feroz transitará por ele, mas por ali caminharão os remidos por ali voltarão aqueles que o Senhor tiver libertado" (Is 35,8-9).

A partir destas imagens podemos compreender também um pouco melhor a linguagem simbólica de São João: o Cordeiro imolado, símbolo do mistério pascal e da quênose de Deus. No centro do poder de Deus e do mistério divino se encontra a quênose, porque é mistério de amor. A cruz é a revelação da sabedoria

misteriosa de Deus, dos mistérios do mundo e do sentido da história.

O poder de Deus é tal que se pode tornar um cordeiro, manso e humilde, que se deixa levar para o matadouro (Jr 11,19). Isto contradiz e desconcerta profundamente nossos sonhos e anseios de auto-realização, de conquista, de poder e dominação que se encontram em nós todos; contradiz também, em grande parte, ao modo como imaginamos a realização do Reino de Deus.

Com efeito, o Reino de Deus "não é deste mundo", ele não se constrói com os métodos deste mundo, com poder e violência, dominação e exploração. Ele cresce e se espalha pelo seu próprio método: no estilo do Deus trino, pelo amor que é mais forte do que toda a ambição e orgulho, pela sabedoria infinita de Deus que vence o mal pelo bem, a ambição pela humildade, o poder pela impotência. O poder de Deus é tal que pode tornar-se quênose, despojamento e esvaziamento.

Segundo diversos autores (Balthasar, Moltmann), o mistério pascal não é apenas o mistério supremo da Redenção, mas também a revelação suprema do mistério íntimo de Deus. Podemos até dizer: antes que o mundo existisse, existiu a entrega em Deus. A quênose, o esvaziamento, a entrega radical das pessoas divinas é o mistério íntimo, central da Trindade.

Na sua Encarnação, sua história, paixão, morte e ressurreição, o Filho encarnado revela o mistério íntimo de sua filiação divina, sua procedência eterna do Pai e sua entrega radical a ele, seu eterno "ser-resposta".

Também o Pai não segura nada para si, mas doou, partilhou tudo com o Filho. A essência do Ser divino é a relação, a entrega mútua, numa doação radical e irrestrita de vida e de ser, impossível para nós, frágeis e limitados, de se imaginar ou de se compreender. E tal entrega, tal doação total e irrestrita é quem se, esvaziamento, despojamento, — é perder a vida para que o outro viva.

O sacrifício do amor infinito do Filho no Calvário é, portanto, desde toda a eternidade, incluído na permuta do amor que é a essência da vida divina da Trindade. Que o Filho morra na cruz e nisso a si mesmo se entrega radicalmente está incluído na obediência eterna pela qual ele se entrega ao Pai com todo o seu ser pelo Espírito, que ele recebe do Pai (Heb 9,14).

Na sua encarnação, em cada momento de sua vida, Jesus a revelação do Pai, do mistério eterno do amor que se perde no outro.

Tudo isso São João expressa sob o símbolo do Cordeiro imolado que se encontra no meio do trono. São Paulo o desenvolve na carta aos Filipenses, retomando um hino cristológico pré-paulino, usado na liturgia das comunidades cristãs primitivas:

“...Ele, que era de condição divina, não se apegou à sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. E sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz...” (Fil 2,6-8).

Jesus se aniquilou, renunciou à sua glória divina, para nos fazer participar do amor do Pai. O hino cristológico traduz esta dinâmica do amor por “esvaziamento”, “rebaixamento”, pois o amor sempre implica quem se, renúncia de si mesmo para dar lugar ao outro, para dar vida ao outro.

Aqui nos encontramos no centro da espiritualidade trinitária, que consiste em realizar, na nossa vida, aqui e agora, a entrega de Jesus ao Pai, na força do Espírito. Essa é a dinâmica do nosso lema: “Viva Deus Uno e Trino em nossos corações”. Assim como a vida de Jesus consistiu na sua entrega ao Pai na força do Espírito eterno (Heb 9,14) ele levará também os que foram redimidos por ele “às fontes das águas vivas”, a fim de que possam entrar também nesta dinâmica de amor e esvaziamento. São João usa aqui o símbolo das “águas vivas” para designar a força do Espírito, a vida nova que nos veio da imolação do Cordeiro: “porque o Cordeiro, que está no meio do trono, será o seu pastor e os levará às fontes das águas vivas” (Ap 7,17). O evangelista usa aqui a força expressiva de dois símbolos, aplicando-os ao mesmo Cristo-pastor e vítima: é o Cordeiro que será o pastor de todos os que lavaram suas vestes no sangue do Cordeiro (Ap 7,14). Na linguagem clássica se dizia que o Filho de Deus, pelos seus sofrimentos, paixão e morte, nos mereceu a vinda do Espírito Santo.

De fato, é significativo que temos aqui, de novo, o Cordeiro *no meio do trono* — que é o pastor, levando os fiéis às fontes das águas vivas. Quem já viveu em lugares e épocas

te de água viva. Os israelitas, em luta permanente com o deserto e as secas periódicas, sabiam, pela própria experiência, o valor vital da água para a terra e a própria vida dos homens. Neste contexto se compreende a revelação de Deus, que se apresenta como “fonte de água viva” (Sl 3,10), como fonte viva e inesgotável de vida e de amor.

No NT, especialmente no quarto Evangelho, este simbolismo é usado para designar o próprio Espírito Santo a vida da graça divina que nos veio pelo sofrimento de Jesus (Jo 7,37-39). Aqui é notório que é o Cordeiro que se encontra no meio do trono que levará os homens às “fontes das águas vivas”, isto é, ao PAI, fonte da vida, fonte da Divindade, fonte do Espírito. É pelo esvaziamento de Jesus na sua vida, paixão, morte e ressurreição que temos acesso ao mistério íntimo de Deus, que somos convidados a beber desta água viva, a participar de sua vida divina.

Toda a vida cristã, toda espiritualidade trinitária consiste em beber esta água viva que nos tornará capazes de realizar também em nossas vidas essa dinâmica de esvaziamento, da entrega radical de nossa vida ao Pai, para a vida do mundo. Assim podemos participar da vida de entrega da Trindade. Assim o Deus Uno e Trino vive em nossos corações.

## 5 — A Esposa do Cordeiro

Desde o AT até o Apocalipse, último livro do NT, a Bíblia usa uma imagem expressiva para designar a

no: é o símbolo da aliança e dos sponsais: “Desposar-te-ei para sempre e tu conhecerás o Senhor” (Os 2,21s). Nos profetas esta imagem é tão viva que todo pecado e toda infidelidade de Israel são compreendidos como adultério ou prostituição (cf Ez 1,9; Os 2, etc.).

No NT são os remidos, o novo povo de Deus, a Igreja, que são apresentados como esposa do Cordeiro (Ap 21). Aqui a imagem do esposo não é mais aplicada a Javé, Deus, de maneira genérica, mas ao Cordeiro imolado. E a nova e definitiva união com Deus, no “novo céu e na nova terra” recebem o símbolo das “Núpcias do Cordeiro”. Na sua plenitude, isto será a vida “no além”, quando “Deus enxugará toda lágrima dos olhos daqueles que vieram da grande tribulação” e que lavaram suas vestes no sangue do Cordeiro (Ap 7,14-16). Mas, o que é vivido em plenitude “no além”, é vivido já aqui e agora, na fé, na dinâmica do “já” e “ainda não”. Pela fé e pela vida da graça vivemos desde já a Aliança nova, a participação na vida divina.

O que a Igreja e todos os cristãos de maneira geral são chamados a viver, os religiosos são chamados a viver de maneira profética, constituindo um sinal para e dentro da Igreja, de sua própria realidade. Aqui se encontra também a profunda dimensão escatológica da vida religiosa: o que todos vão viver no além, a íntima união com Cristo, esposo da Igreja, os religiosos o devem viver já aqui e agora, como sinal e antecipação.

Esta união de vida, esta dedicação exclusiva a Cristo e seu Reino devem levar a uma identificação com Ele no seu sofrimento, Cordeiro imolado. Na missa das virgens, a liturgia o expressa de modo admirável: "Senhor nosso Deus, fortalecidos pela participação nesta Eucaristia, fazei que, a exemplo da santa N., nos esforcemos por servir unicamente a Vós, trazendo em nosso corpo os sinais do sofrimento de Jesus". A liturgia nos traz, aqui, dois elementos que devem caracterizar a vida religiosa: a dedicação exclusiva, "servir unicamente a Vós"; em linguagem simbólica, a relação sponsal, e a identificação com Cristo no seu esvaziamento: "trazendo em nosso corpo os sinais do sofrimento de Jesus". A vida da Nova Aliança, da íntima união com Cristo, Cordeiro imolado, deve levar a uma identificação com Ele no seu esvaziamento. São Paulo o expressa de maneira admirável na carta aos Filipenses: "Anseio pelo conhecimento de Cristo e do poder da sua ressurreição, pela participação em seus sofrimentos, tornando-me semelhante a a Ele na morte, com a esperança de conseguir a ressurreição dentre os mortos" (Fil 3, 10). O conhecimento de que São Paulo fala aqui não é um conhecimento teórico, mas é o conhecer que provém da experiência, do íntimo relacionamento com a pessoa. É por este conhecimento que São Paulo anseia. O caminho para alcançá-lo é a participação no seu sofrimento, a identificação com ele na sua mais profunda quênose, na sua morte. Não existe outro caminho de união íntima com Cristo, de participação na sua glória, a não ser a identificação e participação no seu esvaziamento.

Cruz, sofrimento, quênose, esvaziamento, são palavras que nos assustam e, na realidade, muitas vezes gostaríamos de chegar à união íntima com Cristo sem passar pelo caminho estreito do esvaziamento. A "sabedoria humana, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus: pois para ele são loucuras. Nem as pode compreender, porque é pelo Espírito que se devem ponderar" (1 Cor 2,13-14). A compreensão e aceitação da cruz de Cristo em nossa própria vida é graça de Deus, é dom do Espírito: "O Cordeiro que está no meio do trono, será o seu pastor e os levará às fontes das águas vivas" (Ap 7,16). É o Cordeiro imolado que está no centro do mistério da Trindade, que nos conduz às fontes das águas vivas, isto é, à vida do Espírito de Deus. É este Espírito que nos faz compreender que o amor é essencialmente esvaziamento, perder a própria vida para dar vida ao outro, recuar para dar espaço ao outro. É que o Espírito é este próprio movimento, esta dinâmica eterna de autodoação no seio da Trindade.

Tomando como símbolo, como parábola, uma realidade do nosso dia a dia, poderemos compreender um pouco mais a necessidade absoluta da vida do Espírito, da água viva, para vivermos esta identificação profunda com Cristo. Todos nós conhecemos os nossos jardins, os campos e especialmente a grama em época de seca. Tudo é queimado, seco. Vemos apenas espessas raízes secas, mortas. E, talvez no meio, para aumentar a nossa frustração, o esguicho, também seco, vazio. Um cano inútil, vazio, porque não há água para suscitar nova vida.

Mas, no dia em que a água chega, o cano seco será ligado a uma mangueira, e esta, à torneira de onde sai a água. E, então, à medida que a torneira se abre, a torrente de água se derrama sobre o nosso jardim, e ele reviverá.

Aplicando esta parábola à nossa vida espiritual, ressalta à primeira vista que não somos nós que damos vida ao nosso jardim — nem a nossa própria realidade interior, nem ao nosso campo de apostolado. Somos apenas um cano seco, vazio. A água não é nossa, ela apenas passa através de nós. Mas é importante que o cano seja vazio, não entupido, para que a água possa passar de fato. Quanto menos obstáculos se encontram no interior do cano, quanto mais vazio, melhor a água passará.

O cano da irrigação não está ligado diretamente à fonte e à torneira, pois lhe seria impossível colher a corrente da água jorrando diretamente da fonte. A água passa primeiramente por uma mangueira também totalmente vazia, ligando a fonte e o cano com o esguicho.

Em toda a sua simplicidade esta mangueira pode ser uma parábola da mediação realizada por Jesus Cristo em sua encarnação. A vida humana de Jesus era uma total e progressiva quênose, um constante esvaziar-se de si mesmo. Jesus estava totalmente vazio no seu querer, no seu saber, no seu ter e fazer. Assim, totalmente vazio de si, pôde transmitir aos homens a torrente de água viva, haurindo-a da fonte inesgotável: o Pai. Este esvaziamento de Jesus atingiu seu clímax na cruz, onde, qual Cordeiro imolado, se esvaziou de sua

própria vida e, num último gesto simbólico, fez jorrar de seu lado aberto sangue e água.

Assim também na nossa vida, pessoal e apostólica, o esvaziamento nosso é condição indispensável para qualquer crescimento, seja pessoal, seja apostólico. Não somos nós que modificamos as pessoas por dentro. O que temos de nós mesmos são apenas o nosso orgulho, nossa vaidade, nossa ambição, elementos não de vida, mas de morte. Quem modifica as pessoas por dentro, quem as levará à verdadeira liberdade, sem violentá-las, quem lhes dá verdadeiramente nova vida é Deus. Mas Ele quer atingir as pessoas através de nós. Para usarmos a parábola, nós não somos a água viva, somos o cano vazio. O que importa é estarmos realmente vazios de nós mesmos e ligados à fonte de água viva. Quem nos conduz às fontes das águas vivas é o Cordeiro imolado, criando em nós a mesma atitude de entrega e esvaziamento que constitui a essência do seu próprio ser.

Voltemos, mais uma vez, à nossa parábola: para que o cano possa receber a água é imprescindível que esteja aberto. No Apocalipse temos uma palavra que fala desta abertura: “Eis que estou à porta e bato: Se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei em sua casa e cearemos, eu com ele e ele comigo” (Ap 3, 20). Quem bate à nossa porta é o próprio filho de Deus, o “Amém, o Princípio da Criação de Deus” (3, 14). Ele se faz humilde, ele pede para entrar, e não entra sem o nosso convite. O que mais lhe desagrada em nós, o que o impede de fato de entrar em nossa casa e de sentir-se

ben' ai é a nossa mediocridade e nosso relaxamento, que lhe são tão dolorosos, que ele quer vomitar-nos de sua boca (3,16). Mas, o que é importante para nossa reflexão aqui é que o Princípio da Criação de Deus é também o Cordeiro imolado. É o Cordeiro imolado que quer entrar em nossa casa e nos convida à sua intimidade. Entrando em nossa intimidade, ele nos convida a uma progressiva e sempre mais profunda identificação com Ele, na sua atitude de entrega ao Pai. A esposa do Cordeiro tem de estar profundamente identificada com o Esposo; o caminho do esposo há de ser o da esposa, a atitude do discípulo, a do mestre.

São Paulo, na carta aos Gálatas, exprime admiravelmente esta identificação: "Estou pregado à cruz de Cristo. Eu vivo, mas não sou eu, é Cristo que vive em mim; a minha vida presente, na carne, eu a vivo na fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim" (Gal 2,19-20).

Se o permitirmos, o Cordeiro imolado entra na nossa casa e vive em nós. Viver na fé no Filho de Deus é reproduzir, na nossa própria vida, as mesmas atitudes de Jesus. Através de nós e em nós Jesus quer viver hoje a sua doação ao Pai.

Nos seus discursos de despedida, Jesus nos diz: "Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e nós viremos a ele, e nele faremos nossa morada" (Jo 14, 23). Seremos morada da Trindade, se lhe abriremos a porta. A inabitabilidade da Trindade, como vimos acima, não é algo estático, mas, ao contrário, somos convidados a participar

da inefável vida da Trindade que se realiza em nós. Em nós, em cada um de nós, o Filho diz o seu eterno Sim ao Pai, em nós se realizam o amoroso acolhimento e a entrega eterna da vida ao Pai. Em nós se realiza a indizível dinâmica da troca de amor e entrega entre o PAI e o FILHO. E somos convidados a participar desta vida de amor, de entrega, de imolação.

## 6 — O Servo Sofredor, o primogênito entre muitos irmãos

Vimos acima que a encarnação do Filho não é algo de transitório ou passageiro, mas que permanece para a eternidade. Não existe outro Deus a não ser o humanado, o Deus solidário, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Na encarnação do Filho, o Deus Uno e Trino se despoja e entra na situação limitada, finita do homem. Ele assume o "ser-homem" e o torna parte de sua própria vida eterna.

E não apenas isso, mas ele se torna o Servo de Deus, o servo sofredor, que tomou sobre si a culpa de todos os homens (Is 53). Mais ainda o aniquilamento de Deus vai ao ponto de que o Pai fez o seu Filho unigênito, aquele que não havia conhecido o pecado, o fez pecado por nós, para que nós nele nos tornássemos justiça de Deus (2 Cor 5, 21), isto é, que participássemos na entrega e resposta amorosa do Filho ao Pai.

Uma maneira excelente desta resposta amorosa é a oração, o ouvir a palavra do Pai que fala a nós na profundidade do nosso coração. Ou me-

lhor, a oração nos capacita para perceber os apelos de Deus, sua palavra que Ele nos dirige no meio da nossa vida diária, e de responder a eles com amor. O orar nos deve levar àquela profunda atitude de oração que nos torna capazes de ouvir a Palavra do Pai ao seu Filho predileto no meio de todas as tarefas, trabalhos e problemas.

O Pai pronuncia esta palavra no Espírito. Ele a fala em nós. Apenas devemos tornar-nos serenos interiormente, a fim de ouvir como o Espírito em nós clama Abba, Pai, Pai querido (Gal 4,6). Apenas devemos acreditar que com isto damos alegria ao Pai, o fazemos "mais feliz". A felicidade que ele, desde toda a eternidade, encontra na resposta amorosa do Filho ele a quer encontrar milhares de vezes em nós, seus filhos inumeráveis. Assim como um pai terrestre realmente se torna feliz quando seu filho corre ao seu encontro, lhe estende os braços e clama, cheio de alegria, "papai", assim também o Pai de Jesus, desde toda a eternidade, espera pela nossa resposta amorosa, nosso "Abba" — sim, Pai. Não que Ele necessite de nós, mas porque é próprio do amor dar, doar-se. O amor deve doar a si mesmo. Mas feliz ele se torna, apenas, totalmente feliz, quando o amor é correspondido.

Por isso, para que nós participássemos na sua feliz resposta de amor, Jesus nos revelou tudo o que ouviu de seu Pai (Jo 15,5). E João nos diz: "Ninguém jamais viu a Deus. O Filho único, que está no seio do Pai, foi quem o revelou" (Jo 1, 18). Jesus, o Cordeiro imolado, repousa no seio do Pai, totalmente entregue ao

seu amor e à sua vontade. E ele nos convida a lhe abrir a porta e a participar nesta vida de entrega e de íntima união com o Pai.

Cada palavra, cada gesto e ação, cada atitude de Jesus é revelação deste mistério eterno, desta sua resposta de amor ao Pai. E ele se sabe enviado para realizar isto também como homem, como o primogênito entre muitos irmãos e irmãs, a fim de que ele possa dizer neles, através do seu Espírito, este "Sim" ao Pai. Ele o sabe e afirma: "Aquele que me envia está comigo; ele não me deixa sozinho, porque faço sempre o que é do seu agrado" (Jo 8,29).

Esta é a razão mais profunda do nosso carisma missionário. "Acima de tudo vivemos nossa vocação missionária pela fé em Deus Uno e Trino que vive em nossos corações", diz o prólogo de nossas Constituições. Isto significa que somos chamadas e enviadas a contribuir para que ele possa viver em todos os homens, que todos possam entrar nesta resposta amorosa ao Pai.

"Viva Deus Uno e Trino em nossos corações e nos corações de todos os homens". Como missionárias, somos chamadas a viver e a testemunhar isto num mundo de incredulidade e de egoísmo, no meio de um mundo que, em grande parte, se fechou a este apelo de amor. Num mundo que é construído e se organiza sobre o fundamento do egoísmo e da injustiça, o amor e a entrega só podem existir se se traduzir na qualidade de crucificado; aí, os testemunhos deste amor se tornam testemunhos de sangue, mártires, no seguimento do servo sofredor.

No meio de um mundo de incredulidade e de ódio, num mundo que se fechou diante da luz da fé e da palavra, aquele que repousa no seio do Pai, que sempre faz o que lhe agrada, se torna o servo sofredor, o Cordeiro imolado. Já no AT, nos cânticos do Servo de Javé do segundo Isaías, encontramos delineado como Deus cria um povo para si, formado segundo a imagem de seu Filho, que lhe é fiel no meio de perseguições e sofrimentos, que permanece fiel no seu sim a Javé, embora todos conspirarem contra ele.

Quem é este Servo de Deus do segundo Isaías? Estamos acostumados a ver nele delineada a figura do Messias-sofredor. Isto, certamente, corresponde à verdade. A exegese mais recente(2) mostrou, porém, que o Servo de Javé é também, ou em primeiro lugar, o povo de Israel, oprimido, perseguido, faminto e miserável no exílio. E é deste povo que Isaías então diz que é o eleito de Deus, sobre o qual repousa a benevolência divina.

“Eis meu Servo que eu amparo, meu eleito ao qual dou toda a minha afeição, faço repousar sobre ele meu espírito, para que leve as nações à verdadeira religião...” (Is 42,1).

Devíamos nos dar o trabalho de ver os cânticos do Servo de Javé de maneira trinitária ou de compará-los com a figura de Cristo no Evangelho de São João. Podemos dar aqui apenas algumas leves indicações.

De fato aqui, nestes cânticos, revela-se para nós toda a plenitude do amor criador e ao mesmo tempo redentor da Trindade. Assim como o

Pai, desde a eternidade dá toda a sua vida ao Filho, assim como desde toda a eternidade lhe diz: “Tu és meu Filho muito amado no qual coloco a sua afeição. Mas o totalmente inacreditável é a maneira da eleição divina: não é um povo grande e poderoso, rico nem em bens materiais nem culturais, mas é um povo pobre e miserável, desprezado e pisado pelos grandes de seu tempo, explorado e deportado para o cativoiro.

Aqui se revela, em toda a plenitude e riqueza, tanto do amor intratrinitário, como também do amor criador e salvador de Deus. Assim como o Filho nada tem de si mesmo e recebe, realmente, tudo do Pai, assim Javé se compraz em fazer deste povo de escravos, que tantas vezes lhe é infiel, que é pequeno diante dele como um inseto (Is 41,14), o seu povo eleito, no qual coloca a sua afeição, no qual coloca o seu Espírito, a fim de que anuncie aos povos a verdade.

Isto é tão inacreditável aos olhos do mundo, dos grandes e poderosos do mundo antigo como também do nosso, que Isaías exclama: “Ilhas, ouvi-me, povos de longe, prestai atenção! O Senhor chamou-me desde meu nascimento, ainda no seio de minha mãe, ele pronunciou meu nome” (Is 49,1). Assim como o Filho desde toda a eternidade repousa no seio do Pai e é a alegria do Pai, assim Javé conhece também, desde o seio materno, o nome, o íntimo ser de seu povo pobre, miserável, mas eleito. Isto foi e é assim — até hoje: “Assim como tu eras antes de todos os tempos, assim tu permaneces para a eternidade”. Isto constitui para nós um mistério impenetrável do

amor de Deus, que se compraz em revelar-se aos pobres e pequenos, porque só eles são capazes de responder-lhe com todo o seu ser. Este mistério do amor do Pai faz Jesus exultar no Espírito Santo:

“Pai, Senhor do céu e da terra, eu te dou graças porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, bendigo-te porque assim foi do teu agrado” (Lc 19,21).

Jesus exulta e rejubila sobre esta revelação do amor do Pai, porque ele mesmo se reencontra nos pobres e pequeninos. Eles sabem que são pobres e pequenos, que receberam tudo de Deus, que não podem esperar nada deste mundo e por isso colocam toda a sua confiança unicamente em Javé.

Assim também a opção pelos pobres da Igreja latino-americana não é algo arbitrário, mas é a volta às fontes da revelação de Deus. “Assim como tu eras antes de todos os tempos, assim tu permaneces para a eternidade”. Deus é fiel a si mesmo; ele não muda. Muitas vezes “espiritualizamos” este amor preferencial de Deus, tirando-o de seu contexto. O apóstolo Paulo é, nisto, muito concreto quando escreve à comunidade de Corinto: “Vede, irmãos, o vosso grupo de eleitos... não há entre vós muitos sábios, não muitos poderosos, não muitos nobres. O que é incapaz segundo o mundo, Deus o escolheu... , o que é fraco segundo o mundo... , o que é vil e desprezível ao mundo, Deus o escolheu...” (1 Cor 1,26-28)

Já no AT Javé se compraz em estar presente no meio de seu povo, no meio de seu povo pobre e oprimido, no cativeiro. Assim Isaías diz novamente: “Deus não se encontra senão em tua morada... Verdadeiramente um Deus se esconde em tua casa, o Deus de Israel, um Deus que salva” (Is 45,14s).

Através desta sua presença, suas “inabitáveis”, Deus participa da sorte dos homens e faz os sofrimentos de seu povo serem os seus próprios sofrimentos.

De outro lado, através de suas inabitáveis, de sua presença, os homens participam de sua vida e de sua vontade: eles amam com seu amor e se tornam capazes de participar, desde já, da atitude eterna da entrega do Filho. Assim, o Servo de Javé pode dizer: “O Senhor Deus deu-me a linguagem de um discípulo, para que eu saiba reconfortar pela palavra o que está abatido. Cada manhã ele desperta meus ouvidos para que escute como discípulo; o Senhor Deus abriu-me o ouvido” (Is 50, 4s).

O Senhor deu-me a linguagem de um discípulo. Assim como o Filho recebe tudo do Pai, assim também é puro dom, pura graça quando nos tornamos capazes de fazer das palavras do Senhor as nossas próprias, ao voltar-nos para os pequenos e fracos, ao dar-lhes novo ânimo, assim como o fez Jesus: “Bem-aventurados vós que sois pobres, porque vosso é o reino de Deus” (Lc 6,20).

O Filho unigênito repousa no seio do Pai. Todo o seu ser consiste em ouvir o Pai, estar totalmente voltado para Ele, ser todo resposta. Pelo mes-

mo Espírito, pelo que o Filho, pelo que Jesus se volta para o Pai, ele desperta também a nós em cada manhã o ouvido, a fim de que possamos ouvir como um discípulo. Em cada manhã de nossa vida, em cada manhã de uma nova tarefa, de uma nova etapa de vida, em cada manhã dos povos, da Igreja, está o Espírito do Senhor, a fim de despertar e abrir os ouvidos para sua palavra.

O Espírito murmura em nós: "Vem para o Pai". Isto exige de nós uma atitude de silêncio interior, uma atenção constante às moções do Espírito Santo que, sem cessar, nos convida "Vem para o Pai". Essa atitude de ir para o Pai é a atitude da auto-entrega, do despojamento, da quênose. Requer-se muita atenção a fim de que, no meio das tarefas e dos trabalhos do dia a dia não percamos muitos momentos e muitas oportunidades de entrega e de despojamento.

É através dessa atitude de despojamento e de esvaziamento que a torrente de água viva se derrama em nosso campo de trabalho e apostolado: "Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior manarão rios de água viva. Dizia isto referindo-se ao Espírito que haviam de receber os que cressem nele" (Jo 7,38s). Crer em Jesus significa viver a mesma atitude de entrega ao Pai que caracteriza o Cordeiro imolado.

É o Cordeiro imolado que leva os remidos às fontes da água. Na medida em que vivemos nesta atitude de entrega e de despojamento, rios de água viva manarão de nossos corações, ou, em outras palavras a água viva, o Espírito Santo, passa através

de nós, a fim de comunicar-se aos homens e fertilizar os campos.

Participar da atitude do Cordeiro imolado significa participar nas dores daquele que tomou sobre si os pecados e a culpa do mundo inteiro. Num mundo de conflitos que é organizado pelo princípio da injustiça e da exploração, lutar por justiça e fraternidade significa participar do destino daqueles que são vítimas da injustiça. Em cada manhã o Senhor nos abre o ouvido a fim de ouvirmos a sua voz através das vozes de todos aqueles que hoje "crescem diante de Deus como uma destas plantas secas lá do sertão; que, por causa da fome e da miséria, não têm graça nem beleza, que são desprezados e a escória da humanidade, diante dos quais a gente desvia o rosto para não vê-los, desprezados e deixados de lado" (Is 53,2-3).

A fim de nos capacitarmos para isso, não existe outro caminho a não ser o da oração ininterrupta, que nos torna capazes, como o Cordeiro imolado, de tomar sobre nós os pecados e a culpa dos outros.

A atenção à voz do Espírito em nós nos torna capazes de distinguir entre a voz da tentação, que nos convida ao poder e ao domínio, à posse exclusiva, que nos leva a procurar a nossa identidade na afirmação do nosso próprio eu, esquecendo e negando os outros e a voz do Espírito, que nos leva à dinâmica oposta, à atitude daquele que se despojou a si mesmo e assumiu a figura de servo, que entregou sua vida em resgate por muitos. Assumir a atitude do Servo de Javé significa tornar-se solidário com os pobres, com aqueles que são

negados pela dominação, e participar do destino daqueles que são crucificados pela injustiça, que são condenados pela violência e injustos julgamentos e arrancados do mundo dos vivos (Is 53,8).

A atitude do servo sofredor, do Cordeiro que é levado ao matadouro leva também a doar e entregar a nossa vida em solidariedade. Entregar sua vida, entregá-la no serviço aos pobres, no compromisso para com eles, a fim de que tenham a vida. "Porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, mas aquele que perder sua vida por minha causa, encontrá-la-á" (Mt 16,25).

Perder a vida — parece que isto acontece quando a doamos aos outros, na autoentrega radical; e justamente então a encontramos.

Esta palavra de Jesus do "perder a vida" é profundamente marcada pela estrutura trinitária: o Pai, que entrega todo seu ser e sua vida ao Filho; o Filho que possui a sua vida unicamente na entrega ao Pai, no "perder-se" na fonte da vida, no Espírito de doação.

Só se vivermos neste Espírito, deixando-nos renovar constantemente por ele, tornar-nos-emos capazes de realizar esta auto-entrega que é o mistério íntimo da Trindade, também na nossa vida.

## **7 — Nos corações de todos os homens**

Contemplemos novamente o Cordeiro de Deus. Ele foi imolado, mas está em pé, isto é, ele vive. Mas para toda a eternidade ele permanece o

Cordeiro imolado, permanece sua atitude de entrega, pois esta constitui o núcleo de seu ser. Entrega e quemose pertencem ao íntimo mistério de Deus, porque são parte essencial do amor. O amor recua, o amor se despoja, se entrega, não guarda nada para si, a fim de que o outro seja.

O coração de toda a realidade, da divina e da humana, é pois, o Cordeiro imolado. No coração do mistério da Trindade e no coração da história da salvação encontra-se o mistério pascal. Por isso também, na nossa vida, esse mistério não pode ser algo periférico, mas deve estar no coração, no centro. A participação na atitude de despojamento e de entrega do Cordeiro ao Pai pelos homens, na força do Espírito é, portanto, o núcleo de nossa espiritualidade trinitária. Ela é também essencial para o nosso carisma missionário, pois assim como é o Cordeiro imolado que leva os redimidos às fontes da vida, assim é também através de nosso despojamento e entrega que as torrentes de água viva se derramarão sobre o mundo para fertilizá-lo, curá-lo e vivificá-lo.

"Viva Deus Uno e Trino em nossos corações e nos corações de todos os homens" expressa, pois, em forma sintetizada, tanto a nossa espiritualidade trinitária como também o nosso carisma missionário. Todo o nosso trabalho missionário tem como finalidade contribuir para que o Deus Uno e Trino viva nos corações dos homens. Isto significa que todos os homens, para realizar o sentido de sua vida, devem participar e co-realizar a entrega de Jesus ao Pai e, si-

multaneamente, aos homens e para os homens.

A estrutura trinitária atravessa toda a criação; ela marca a história e está presente na vida de todo homem criado à imagem da Trindade. Onde quer que o homem, no mais profundo do seu ser, aceite o mistério de sua vida, onde quer que ele responda ao apelo do Espírito pela entrega de sua vida ao próximo aí ele realiza a atitude de Jesus na acolhida e entrega de sua vida ao Pai. Aí o Deus Uno e Trino vive no seu coração.

A estrutura trinitária marca ou deveria marcar toda e qualquer convivência humana, as comunidades, a organização da sociedade, a distribuição dos bens. A vida da Trindade é o modelo de toda comunidade e sociedade, e deveria determinar todo o agir e fazer dos homens.

É o Cordeiro imolado que conduz os homens às fontes da vida, isto é, Ihes envia o Espírito, que os transforma interiormente e os torna capazes de participar na vida da Trindade. Pela experiência do Espírito vivificante na fé, no batismo e na comunidade, os homens serão integrados na história da Trindade. A história do Filho e do Espírito, que nos é testemunha no Novo Testamento, não é uma história fechada, mas é

uma história aberta que convida à participação em direção ao futuro escatológico.

Pelo Espírito Santo o amor de Deus foi "derramado" em nossos corações (Rom 5,5). Pelo Espírito os homens "renascem" de novo (Jo 3,3-5). Na experiência de Deus se experimenta uma nova presença de Deus. Deus não apenas intercede pelos homens como o Encarnado e, como Cordeiro de Deus, toma sobre si os seus pecados. Como Espírito, Deus habita no próprio homem.

A experiência do Espírito é, portanto, a experiência da inabitação de Deus. Isto é uma experiência de Deus como anteriormente só era vivenciada no Templo, no culto, no dia do Senhor. Mas agora os homens, na sua própria corporalidade, se tornam o templo do Espírito Santo (1 Cor 16,13-20).

É o Espírito Santo em nós que nos transforma segundo a imagem do Filho (Rom 8,29), que nos leva a oferecer a nossa vida a Deus como um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. O Espírito em nós nos faz repousar com Jesus no seio do Pai (Jo 1,18), nos faz participar no seu estar totalmente voltado para o Pai, como o Cordeiro imolado que está em pé no coração da Trindade.

## NOTAS

(1) Talvez deveríamos lembrar-nos novamente da importância dos símbolos na vida espiritual e na linguagem religiosa. Eles (falam) (e) atingem o homem todo, não apenas o intelecto, mas justamente as camadas mais profundas em

nós, do coração no sentido bíblico. Apenas devemos redescobrir como Deus quer comunicar-se a nós através da linguagem dos símbolos. (2) Mesters, Carlos, A missão do povo que sofre, Vozes, Petrópolis, 1985.

FORTE, Bruno: A Trindade como História, Ed. Paulinas, São Paulo, 1987.  
MOLTMANN, Jürgen, Trinität und Reich

Gottes — Zur Gotteslehre, Christian Kaiser Verlag 1980. MESTERS, Carlos, A Missão do povo que sofre, Ed. Vozes, Petrópolis, 1985.

---

## PÉ DE PÁGINA

*Pe. Marcos de Lima, SDB*

### **O rico epulão e o pobre Lázaro**

**Bíblia** — “Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino, e cada dia se banqueteava com requinte. Um pobre, chamado Lázaro, jazia à sua porta, coberto de úlceras. Desejava saciar-se do que caía da mesa do rico...”, Lc 16, 19-21.

**Leitor** — Quem lê a parábola, reflete, interioriza, talvez chegue a esta conclusão: Amar o próximo. Aplicar a riqueza terrestre nos bens celestes socorrendo os necessitados. Arrepende-se. Ouvir Moisés, os Profetas, JESUS. Para se converter e se salvar só a Palavra de Deus. Esperar intervenções extraordinárias é pura ilusão. É pretexto e expressão de obstinação. O caminho da conversão é o caminho da fé na Palavra de Deus. O arrependimento é agora. A conversão é agora. DEPOIS, de nada valerão lágrimas e súplicas.

### **Shalom: Paz para todos**

**Bíblia** — “Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem”, Mt 5, 43-44.

**Leitor** — A resposta cristã madura à perseguição é o amor e a oração. A criança que sonha se agita. Tem angústia, pesadelos, temores. Mas, de tudo se livra quando, nos braços da mãe, escuta: SOU EU. Cada um pode ser esta criança. Só quando se tem a experiência de estar nas mãos de Deus, a proposta evangélica do amor radical até aos inimigos e a nossos perseguidores, deixa de ser sonho utópico, pretensão absurda, pesadelo. O ideal da santidade cristã e a PAZ consigo, com o próximo sem conotação, com Deus. SHALOM, o desejo da plenitude dos bens, da plenitude da vida, da plenitude do amor, para todos.

# NOVA EVANGELIZAÇÃO E O ECUMENISMO NO BRASIL

*Até que ponto, cristãos de outras Igrejas  
poderiam participar de atividades  
evangelizadoras que estamos tentando realizar?  
Em que iniciativas de outras Igrejas,  
os religiosos e religiosas poderiam participar?*

**Frei Félix Neefjes, OFM**

A Igreja no Brasil dedica à oração pela unidade dos cristãos a semana que antecede ao Dia de Pentecostes. No ano fluente a Semana da Unidade é celebrada nos dias 27 de maio a 3 de junho. Foi uma idéia feliz da equipe de programação da nossa revista CONVERGÊNCIA solicitar uma reflexão sobre a dimensão ecumênica da nova evangelização para o número de maio.

## **1 — Nova Evangelização**

A expressão “nova evangelização” tornou-se muito familiar. Com grande frequência o Papa João Paulo II a usa em seus discursos. A revista *Convergência* tem dedicado uma série de artigos sobre o tema, focalizando cada vez outra dimensão da nova evangelização. Neste artigo se focaliza a dimensão ecumênica da

mesma. Pressuponho conhecido o conceito ‘nova evangelização’, acentuando apenas alguns aspectos importantes para a dimensão ecumênica. Em seguida apresento esta dimensão em forma de iniciativas já existentes e possibilidades realizáveis no Brasil.

### **1.1. Evangelização**

Durante muito tempo evangelização foi identificada com o primeiro anúncio da Boa Nova ou com a missão entre povos que nunca ouviram falar em Jesus Cristo como único Salvador. Quando p.ex. se realizou a Conferência de Missões em Edimburgo, Inglaterra, 1910, não foram aceitos representantes de Missões protestantes da América Latina porque este sub-continente já fora evangelizado pela Igreja Católica Roma-

na. Depois voltamos à importante Conferência de Edimburgo.

Neste artigo entendo por evangelização não apenas o primeiro anúncio aos que nunca ouviram falar no Salvador Jesus Cristo ou O abandonaram, mas um processo contínuo que se dirige a todos, uma vez que o processo de conversão abrange a vida inteira. Neste processo há momentos especiais, como o primeiro encontro com Cristo ou as opções cruciais de vida à luz do Evangelho.

## 1.2. Conversão pessoal e transformação social

Existem grupos e movimentos de cristãos que no anúncio da Boa Nova só visam a conversão das pessoas, como se o Evangelho não tivesse referência à transformação da sociedade. No entanto, são grupos minoritários, embora hoje em dia novamente crescentes, e de espírito sectário. A grande maioria das Igrejas e Comunidades cristãs concordaria com o objetivo Geral da Ação da Igreja, definido pela 25.<sup>a</sup> Assembléia Geral da CNBB: "Evangelizar o povo brasileiro . . . . ., visando formar o povo de Deus e participar da construção de uma sociedade justa e fraterna, sinal do Reino definitivo" (1).

Grupos de cristãos, chamados "evangelicais" (do inglês "evangelical") ou evangelicistas, que insistem fortemente no aspecto de conversão pessoal e de preocupação com a salvação eterna, em prejuízo do aspecto de transformação social, como frequentemente se afirma, insistem, nos documentos oficiais, na responsabilidade sócio-política como dimensão da evangelização. Os evangelicais

realizaram o seu I<sup>o</sup> Congresso Internacional de Evangelização em 1974, em Lausanne, Suíça. O documento resultante deste congresso é chamado "Pacto de Lausanne" (2).

Em julho de 1989 os evangelicais celebraram seu 2<sup>o</sup> Congresso Internacional de Evangelização, em Manila, Filipinas, chamado Lausanne II. Os participantes publicaram o Manifesto de Manila sob o título "Convocando toda a Igreja a levar o Evangelho Integral ao Mundo Inteiro". Ora ao tratar do "Evangelho integral", o Manifesto inclui a responsabilidade social (3). Conforme informações de alguns participantes do Congresso de Manila, temia-se uma rachadura no movimento evangelical, exatamente por causa da dimensão sócio-política da evangelização, defendida especialmente por delegados latino-americanos. O divisão não aconteceu, e a responsabilidade social entrou no Manifesto.

Aliás, no mesmo ano em que se assinou o Pacto de Lausanne, 1974, a Igreja Católica celebrou um sínodo sobre a evangelização, cujas conclusões foram aproveitadas na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975). Verificando-se elementos comuns entre esta Exortação Apostólica e o Pacto de Lausanne, resolveu-se iniciar um diálogo bilateral entre representantes nomeados pelo então Secretariado, hoje Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos, e evangelicais. O diálogo sobre a Missão realizou-se numa série de 3 reuniões nos anos 1977 a 1984 (4).

As Igrejas Cristãs relacionadas com o Conselho Mundial de Igrejas têm a tradição de unir, na evangeli-

zação, a conversão pessoal e a transformação da sociedade, segundo as exigências do Evangelho.

1.3. Por que uma nova evangelização?

Ainda que a evangelização seja um processo permanente, até o Senhor Jesus voltar, há razões especiais para hoje em dia falar em nova evangelização. Está chegando o fim do segundo milênio; para muitos cristãos é uma experiência dolorosa verificar que formamos uma minoria, e ainda decrescente, dentro da população global. Para a América Latina, os 500 anos da primeira evangelização, qualquer que seja a avaliação da mesma, são motivo para uma nova evangelização. O fato de que muitos cristãos, especialmente no assim chamado 1º Mundo, abandonarem a fé, está a exigir a convocação para uma nova evangelização. As mudanças profundas em todas as dimensões da existência e convivência humanas põem a questão de como o evangelho pode ser uma Boa Nova para hoje. A consciência de que no passado houve frequente identificação entre o Evangelho e determinada cultura, coloca hoje com urgência a questão da evangelização e as culturas, e conseqüentemente duma nova evangelização, desta vez a partir das diferentes culturas: uma evangelização nova ou inculturada.

## **2 — Evangelização e ecumenismo aspectos históricos**

2.1. A missão e o ecumenismo moderno

Historicamente o movimento ecumênico moderno está associado à evangelização, ainda entendida como primeiro anúncio. Foi no campo das missões onde mais dolorosamente se fizeram sentir as divisões escandalosas dos cristãos, desacreditando a mensagem dos missionários e do próprio Evangelho, diante dos não-cristãos. Foram também estas experiências nas missões que despertaram o desejo e o esforço por uma maior unidade e cooperação dos cristãos. Em 1878 realizou-se em Londres, na Inglaterra, a 1.ª Conferência Internacional de Missões. A 4.ª Conferência Internacional em 1910, em Edimburgo, Inglaterra, ficou um ponto de referência na história da colaboração ecumênica. Em 1921 foi fundado, como organismo permanente de colaboração, o Conselho Internacional de Missões (5).

2.2. O movimento missionário ecumênico, integrado no Conselho Mundial de Igrejas.

O Conselho Mundial de Igrejas (CMI) foi resultado da colaboração entre dois outros movimentos ecumênicos modernos: o de Fé e Constituição e o de Vida e Ação ou Cristianismo Prático. O CMI foi fundado em 1948. O Conselho Internacional de Missões foi integrado no CMI em 1961 e tornou-se a Comissão de Missão Mundial e Evangelização, dentro da Unidade I do CMI, chamada Fé e Testemunho (6).

A Comissão Missão Mundial e Evangelização tem realizado grandes conferências internacionais. A última foi no ano passado em San Antonio, Texas, USA, com o tema "Faça-

se tua vontade — a Missão conforme Cristo”:

### 3 — **Evangelização e ecumenismo à luz de documentos da Igreja Católica Romana**

A evangelização, como primeiro anúncio e como processo permanente, não está apenas historicamente relacionada com a restauração da plena unidade que Cristo quer para sua Igreja e ela oferece como dom, mas há uma relação intrínseca entre ambas. A Igreja é chamada, por seu Senhor, tanto para a unidade como para a missão. Assim como o Pai enviou seu Filho para salvar o mundo, assim Jesus envia e encarrega os seus de “fazerem discípulos todos os povos” (cf. Mt 28,18ss.). Mas, igualmente, ele intercede junto ao Pai, “para que todos sejam um... para que o mundo creia” (Jo 17,21) 7).

O Concílio Vaticano II tomou consciência do nexos íntimo entre evangelização e ecumenismo: “Com efeito, a divisão dos cristãos prejudica a sagrada causa da pregação do Evangelho a toda criatura e a muitos impede o acesso à fé. Por exigência intrínseca da Missão, todos os batizados são chamados a se reunir num só rebanho. Assim, diante dos povos, poderão testemunhar unanimemente a Cristo seu Senhor” (cfr. Decreto do Conc. Vat. II Ad Gentes, nº 6) (8).

### 4 — **Dimensão ecumênica da evangelização hoje no Brasil**

Há muitas iniciativas ecumênicas de grande importância evangelizado-

ra no Brasil. Aqui serão apresentadas algumas de nível nacional. Acrescentam-se umas sugestões. É impossível citar a riqueza de iniciativas ecumênicas locais.

#### 4.1. A Bíblia e o ecumenismo

Fonte para a evangelização, a Bíblia é também fundamental para a dimensão ecumênica. A Bíblia constitui um patrimônio comum a todos os cristãos. No diálogo ecumênico, as Sagradas Escrituras são exímio instrumento na poderosa mão de Deus para a consecução daquela unidade que o Salvador apresenta a todos os homens (9).

Mas a Bíblia é também motivo de divisão entre cristãos. Há uma diferença na fixação do cânon dos livros sagrados entre as Igrejas Católica Romana e as Orientais, de um lado, e as Igrejas da Reforma do século XVI, de outro lado (10). A interpretação da Bíblia tem levado a frequentes divisões entre cristãos.

Hoje em dia há muitas iniciativas ecumênicas relacionadas com a Bíblia também entre nós. Existem muitos *grupos bíblicos*, especialmente no meio do povo marginalizado, dos quais participam membros de diferentes Igrejas. O Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) (11) tem mérito especial nesta ação evangelizadora de caráter ecumênico. O próprio CEBI tem uma estrutura ecumênica em níveis nacional e regionais.

A Aliança Bíblica Mundial e o então Secretariado, hoje Pontifício Conselho, para a Unidade dos Cristãos publicaram em 1968 algumas diretrizes para a colaboração interconfes-

sional na *tradução da Bíblia*; as mesmas foram revisadas em 1987 (12). No Brasil ainda não se conseguiu fazer uma tradução e edição conjugadas da Bíblia, como se tem feito em outros países. A edição do Novo Testamento na Linguagem de Hoje, da Sociedade Bíblica do Brasil, após revisão feita por exegetas católicos, recebeu aprovação da CNBB. A mesma Sociedade Bíblica do Brasil está preparando a 2.<sup>a</sup> edição da Bíblia na Linguagem de Hoje, incluindo os livros deutero-canônicos. Foi pedido aos Bispos, aos Professores de exegese e a outros líderes da Igreja enviar suas observações sobre a 1.<sup>a</sup> edição. Um grupo de exegetas católicos fará o trabalho conclusivo. Ficou combinado que a 2.<sup>a</sup> edição terá uma declaração da parte da Presidência da CNBB no sentido de que a mesma pode ser usada por católicos para leitura pessoal ou em grupos (13).

Citamos ainda duas importantes séries de *publicações bíblicas*. A série Estudos Bíblicos, editada por Vozes, tem no conselho de redação e na equipe de colaboradores exegetas anglicanos, católicos, luteranos e metodistas. Enquanto esta série apresenta estudos temáticos, a 2.<sup>a</sup> série de colaboração ecumênica pretende publicar comentários sobre todos os livros da Bíblia. Três editoras se associam na publicação desta série, chamada Comentário bíblico: Editora Vozes, Editora Sinodal (luterana) e Imprensa Metodista. O conselho de redação e os colaboradores pertencem a diferentes Igrejas. As duas séries fazem uma leitura da Bíblia na perspectiva dos pobres.

Até agora não se conseguiu marcar o *Dia da Bíblia* em comum: pa-

ra os católicos o domingo mais próximo da festa de São Jerônimo (setembro), para os evangélicos o 2.<sup>o</sup> domingo de dezembro. É um assunto a ser estudado pelo CONIC.

## 5 — “Evangélizar à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres”

Esta diretriz geral da ação da Igreja Católica no Brasil (14) é também, em formulação diferente, uma das prioridades da comissão “Missão Mundial e Evangelização”, do CMI (15).

Há uma colaboração ecumênica na defesa dos direitos da população *indígena*, no sentido de que alguns irmãos protestantes participam do Conselho Indígena Missionário (CIMI) da Igreja Católica, a título pessoal (16). Há também certa colaboração entre CIMI e o Grupo de Trabalho Missionário Evangelista (GTME), que abrange episcopais, luteranos e metodistas para missões em áreas de fronteira (17).

Existe uma Comissão Ecumênica Nacional de Combate ao *Racismo* (CENACORA), ligada ao Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC) (18). Há uma colaboração ecumênica na *Pastoral do Menor* (19). Está prevista para abril do ano em curso uma consulta nacional sobre a situação do menor; a consulta está sendo organizada pela Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE).

Está crescendo no Brasil o que se costuma chamar de *ecumenismo de base*. Em movimentos populares, cristãos pobres, membros de Igrejas

diferentes e às vezes até opostas ou hostis, lutam lado a lado por seus direitos, descobrem-se na luta como irmãos de fé, lêem em comum a Bíblia e celebram juntos suas lutas e vitórias. Este ecumenismo de base, muito presente no último Intereclesial de CEB's, em Duque de Caxias, julho de 1989, tem sido acompanhado e assessorado pelo Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) (20). O Centro tem publicado texto sobre o ecumenismo de base, entre outras, na revista Tempo e Presença. Devem ser encontrados caminhos para que o ecumenismo de base e o ecumenismo oficial ou de cúpula se possam enriquecer reciprocamente.

A colaboração ecumênica entre Igrejas, em vista da *transformação da sociedade*, se dá, de um modo privilegiado, através da *Coordenadoria Ecumênica de Serviço* (21). Fundada em 1973, a CESE tem como membros as Igrejas Católica Romana, Episcopal do Brasil, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Evangélica Pentecostal do Brasil para Cristo, e Presbiteriana Unida. Contando com recursos oriundos de agências internacionais e do Conselho Mundial de Igrejas, a CESE estimula as Igrejas a assumirem ecumenicamente sua responsabilidade social, e contribui para a superação da sociedade injusta, pelo apoio, assessoria e ajuda financeira a projetos que nascem de grupos de base e visam atingir as próprias causas da pobreza.

Para dar seu apoio à *luta da mulher*, pelo pleno e prático reconhecimento dos seus direitos, da sua dignidade, o CONIC criou a Comissão

da Década de Solidariedade com a Mulher, programa sugerido pelo CMI. A comissão, cuja sede é a da Secretaria Executiva do CONIC, se compõe de mulheres indicadas pelas Igrejas-membros.

Existe uma colaboração ecumênica no âmbito da *defesa dos direitos humanos* (23). Já foram realizados vários encontros nacionais de caráter ecumênico, financiados pela CESE.

Cresce a colaboração ecumênica na ação evangelizadora em relação a pessoas e grupos em *situações especialmente críticas*: doentes, idosos, encarcerados, fugitivos políticos, migrantes.

Outra forma de colaboração ecumênica consiste na *participação* de membros de outras Igrejas em *organismos fundados por uma Igreja* ou por membros de uma Igreja. O exemplo mais conhecido é a colaboração ecumênica na Comissão Pastoral da Terra. O CONIC, em suas declarações, tem defendido uma verdadeira reforma agrária. CONIC e CESE, cada um dentro de sua missão têm dado apoio e assistência a agricultores assentados e a agricultores sem terra que resolveram ocupar terras não cultivadas.

## 6 — Evangelização e Culturas

A nova evangelização há de prestar especial atenção à grande variedade de culturas. O estudo das mesmas em vista de uma autêntica *inculturação* do evangelho, abre possibilidades para uma colaboração ecumênica ainda pouco explorada. Poderia haver uma ação conjunta em favor duma Igreja com *rostro de índio*. Um

autêntico diálogo com a *cultura negro-brasileira* e suas expressões religiosas já por si é uma ação ecumênica. O CONIC pretende dedicar um seminário teológico-pastoral ao estudo destas religiões, com o intuito de definir uma nova atitude da parte das Igrejas.

O estudo da cultura urbana, do fenômeno da secularização e também do crescimento de *novas expressões religiosas*, é outra forma de colaboração ecumênica que o CONIC pretende realizar por sucessivos seminários, em nível nacional e regional. Todas estas realidades estão a exigir uma conversão das próprias Igrejas ou uma evangelização verdadeiramente ecumênica, dirigida às Igrejas.

## **7 — Evangelização e Meios de Comunicação Social**

A Igreja Católica Romana e as Igrejas Protestantes históricas têm um grande atraso na evangelização através dos MCS. Existe já uma colaboração ecumênica na União Cristã Brasileira de Comunicadores Sociais (UCBC, sem sede própria). As Igrejas poderiam procurar caminhos para uma atuação conjunta dos MCS, de propriedade das Igrejas ou relacionadas com elas. A formação da consciência cristã dos profissionais dos MCS seria outro terreno para uma ação conjunta.

## **8 — Formação ecumênica dos evangelizadores**

Esta formação deve ser feita de tal forma que os evangelizadores tenham uma atitude ecumênica, aberta aos outros. A própria formação, em

muitos aspectos, pode ser objeto de uma colaboração ecumênica. Para tal existe no Brasil um organismo de excepcional valor: o Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Pastoral Popular (CESEP) (23). A direção, os professores dos cursos e os participantes dos mesmos pertencem a várias Igrejas. Os cursos para agentes pastorais de base são frequentados por milhares de pessoas.

Em muitos seminários, institutos teológicos e outros centros de formação existe uma colaboração ecumênica, e há cursos especiais sobre questões ecumênicas. A Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE) (24) e a Organização dos Seminários e Institutos Filosófico-Teológicos do Brasil (OSIB), anexa à CNBB, têm algum relacionamento, mas talvez possam chegar a uma colaboração mais intensa.

## **9 — Campanhas conjuntas de evangelização**

Já indicamos que a obrigação de evangelizar é primordial para toda a Igreja (25). Toda ação verdadeiramente ecumênica tem importância evangelizadora. Existe também a possibilidade de se realizarem campanhas conjuntas de evangelização. Assim poderia haver o *Mês da Bíblia comum*, talvez a ser organizado através do CONIC. Já há mais tempo se fala numa *Campanha ecumênica da Fraternidade*. A CdF é um dos instrumentos mais eficaz para a evangelização. Até agora não conseguimos muito mais do que dar uma dimensão ecumênica aos subsídios da Campanha, oferecê-los a outras Igrejas e tomar umas iniciativas ecumê-

nicas em nível local. Assumir em comum a Campanha é complicado, mas talvez seja possível avançar um pouco: p.ex. definir em comum o tema e o lema de cada Campanha anual, deixando para cada Igreja a elaboração dos subsídios. O assunto é objeto de estudo no CONIC e deve ser apresentado à CNBB. Pode-se pensar numa colaboração ecumênica mais intensa no *ensino religioso*, aliás já está acontecendo nos Estados do Paraná e de Santa Catarina.

## 10 — A busca da unidade da Igreja

No início do artigo tentamos mostrar a íntima e essencial relação entre evangelização e dimensão ecumênica. Indicamos em seguida iniciativas e formulamos algumas sugestões que nos parecem de grande importância evangelizadora. Estas mesmas iniciativas fazem crescer, com a graça de Deus, a comunhão entre os participantes e suas Igrejas.

No entanto, neste processo de crescente comunhão nunca podemos esquecer que todos os cristãos e suas Igrejas são chamados a caminhar para aquela unidade que Cristo deseja para sua Igreja e a ela oferece como dom (26). Este caminhar das Igrejas, já unidas pela fé em Jesus Cristo e pelo batismo validamente administrado (27), exige, segundo o Vaticano II, entre outras coisas, renovação da Igreja numa reforma permanente, conversão do coração, oração unânime, conhecimento mútuo dos irmãos (28). O Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil estimula muitas atividades ecumênicas, como temos visto através deste artigo. Acrescen-

tamos que o CONIC assume a publicação dos subsídios anuais para Oração pela Unidade dos Cristãos, especialmente para a Semana da Unidade, que celebramos no Brasil na semana que antecede ao Dia de Pentecostes. O CONIC publica resultados de diálogos bi-e multi-laterais internacionais, numa série especial, estimula ainda a reflexão teológica sobre temas de grande importância para o crescimento da comunhão entre as Igrejas Cristãs (29).

## 11 — “Evangelizar... visando participar da construção de uma sociedade justa e fraterna” — “hé oikoumene”

O título é uma citação das Diretrizes Gerais da Ação da Igreja Católica (30). Muitas das iniciativas ecumênicas citadas contribuem para a construção de uma sociedade que seja realmente “hé oikoumene”, a terra habitada ou habitável. Gostaria de acrescentar um programa prioritário do Conselho Mundial de Igrejas: o processo conciliar sobre Justiça, Paz e Integridade da Criação (JPIC), para os anos de 1983-1990.

O programa foi aprovado na última Assembléia Geral do CMI, em Vancouver, Canadá, 1983. Representantes de Igrejas do 1º Mundo insistiram mais na questão da paz (ameaça de guerra nuclear). Mas representantes de Igrejas do 3º Mundo exigiram que se incluísse a questão da justiça (problema da dívida externa, condições injustas no comércio internacional), pois sem a justiça não haverá paz. E representantes de Igrejas do 2º Mundo lutaram para incluir

a questão ecológica, a integridade da criação.

O programa foi aprovado como "processo conciliar" que deve levar a verdadeiros compromissos da parte das Igrejas participantes. Até 1986 pouca coisa foi feita para o processo ser lançado de verdade.

No Brasil há muitas iniciativas que se relacionam com os problemas mencionados no processo conciliar JPIC. Para citar só um exemplo: as 4 Consultas Ecumênicas realizadas por CONIC e CESE, em colaboração com CEDI. Cresce também entre nós a consciência de que existe uma relação essencial entre justiça paz e integridade da criação ou ecologia: uma sem as outras não se pode realizar. Assim mesmo, fora de algumas atividades da CESE, parece que o processo conciliar ainda não tenha tido grande repercussão entre nós. As Igrejas do 1º Mundo têm trabalhado muito mais o programa. P. ex., na Holanda, 72% de todas paróquias e comunidades se envolveram, de uma ou outra forma, com o processo conciliar. Pela primeira vez, desde as grandes divisões da Igreja em 1504 e na reforma do século XVI, representantes das tradições cristãs estiveram reunidos numa grande Assembléia Ecumênica Européia, em Basiléia, na Suíça, em maio de 1989.

Nos dias 6 a 12 de março do ano fluente realizou-se a grande Assembléia Mundial Sobre Justiça, Paz e Integridade da Criação, em Seoul, capital da Coréia do Sul. Entre os múltiplos problemas de justiça, paz e integridade da criação foram escolhidos três sobre os quais se espera que as Igrejas participantes assumam com-

promissos: a crise da dívida externa (justiça), a estratégias de segurança total ou a questão da militarização (paz) e o efeito estufa (integridade da criação). Os compromissos devem visar não só a renovação da sociedade mas também, e em primeiro lugar, a das próprias Igrejas participantes. A Assembléia de Seoul foi projetada também como uma grande celebração litúrgica, com enfoque especial para cada dia: adoração e louvor, confissão de culpa, anúncio da Palavra, confissão de fé, intercessão, compromisso e envio.

A participação da Igreja Católica Romana na preparação e na própria realização da Assembléia de Seoul suscitou muitas dúvidas a respeito da atitude da Igreja diante do processo conciliar sobre JPIC, ao ponto de o então Presidente do Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos, Johannes Cardeal Willebrands e o Presidente do Pontifício Conselho "Justiça e Paz" terem enviado uma Carta aos Presidentes das Conferências Episcopais, em 11 de dezembro de 1989, para explicar a atitude e apresentar a participação da Igreja Católica.

O processo conciliar JPIC pode ser um caminho ecumênico para um mundo que seja "hé oikoumene", a terra habitada ou habitável para todos, contanto que — como é a idéia do CMI — os cristãos procurem a colaboração de outras religiões, de outros grupos e organizações, embora estas não baseiem seus compromissos em convicções religiosas, para juntos assumirem compromissos muito sérios com a justiça, a paz e a integridade da criação.

## 12 — Nova evangelização, ecumenismo e os(as) religiosos(as)

Nós, religiosas e religiosos, participamos de muitas iniciativas de uma autêntica nova evangelização. Participamos também em muitas experiências ecumênicas de importância evangelizadora. Para que a dimensão ecumênica de nossa ação cresça, poderíamos fazer-nos duas perguntas:

— até que ponto, cristãos de outras Igrejas poderiam participar de

atividades evangelizadoras que estamos tentando realizar?

— quais são as iniciativas de cristãos de outras Igrejas, nas quais, como religiosos ou religiosas, poderíamos participar?

Fazendo seriamente tais perguntas, iríamos descobrir outras possibilidades para uma ação evangelizadora comum, e iríamos crescer em comunhão: "Pai que sejam um, como nós somos um, a fim de que o mundo creia".

## LITERATURA

Guia Ecumênico — série Estudos da CNBB, nº 21, 2ª edição revista e ampliada, Edições Paulinas, 1984. P. Jesús Hortal, S.J. — E haverá um só rebanho. História, doutrina e prática do ecumenismo, Edições Loyola, 1989. Júlio H. de Santa Ana — Ecumenismo e Liberta-

ção, Reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o Reino de Deus, Editora Vozes, 1987. Frei Leonardo Martín, FFR (coordenador) — Caminhos para a unidade cristã, Pastoral de ecumenismo, Edições Paulinas, 1987.

## NOTAS

(1) Cfr. Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil, 1987-1990, série Documentos da CNBB, nº 38. (2) Sobre "evangelical" ver o verbete correspondente do Guia Ecumênico — série Estudos da CNBB, nº 21, 2ª edição, 1984, pg. 131. (3) O Manifesto de Manila foi publicado na revista Ultimato, outubro de 1989; sobre o Congresso de Manila ver também Ultimato, novembro de 89. (4) O relatório do diálogo foi publicado pela Missão Editora, Belo Horizonte, 1989, sob o título "A Missão da Unidade". (5) Sobre Ecumenismo e Missão ver verbete "Missão", do Guia Ecum. 2ª edição, pg. 212ss. (6) Sobre o CMI ver o verbete "Conselho Mundial de Igrejas", Guia Ecum. 2ª ed., pgs. 82-88; também Jesús Hortal SJ em "E haverá um só rebanho", Ed. Loyola, 1989, caps. XII e XIII. (7) Cfr. verbete "Missão", do Guia Ecum. 2ª ed., pg. 212.

(8) Cfr. verbetes "Evangelização" e "Missão" no Guia Ecum. 2ª ed. pgs. 132-135 e pgs. 212-215; cfr. as citações da Evangelii Nuntiandi, Documento de Puebla e ainda do Decreto Conciliar Unitatis Redintegratio, nº 1. (9) Cfr. Unit. Red. nº 21. (10) Cfr. verbete "Bíblia", Guia Ecum. 2ª ed. pg. 34. (11) Sede: Rua Montes Claros, 214 — Belo Horizonte — MG. (12) SEDOC 1 (1968/9) cc. 34-42; Serviço d'Information do Secretariado/Pont. Conselho para a Unidade dos Cristãos, nº 65, 1987 (III-IV) pgs. 150-156. (13) Atual Secretaria Geral da Soc. Bibl. do Brasil: Calçada das Palmas — Alphaville — Barueri — SP. (14) Cfr. doc. nº 38 da CNBB, pgs. 49-59. (15) Cfr. publicação "Conselho Mundial de Igrejas — CMI 87", número especial de One World, revista mensal do Conselho, pg. 20. (16) Sede do CMI, SDS Ed. Venâncio III, 3º andar, s. 311-314. (17) Se-

de do GTME, Rua Inês Ferraz de Camargo, 541 — Piracicaba — SP. (18) Secretaria Executiva da CENACORA: Rua Alfredo Guedes, 1949 — sala 910 Piracicaba — SP. (19) Secretariado desta Pastoral: Praça da Sé, 184 — São Paulo — SP. (20) Sede do CEBI: Cosme Velho, 98-F — Rio de Janeiro — RJ. (21) Sede da Secretaria Executiva: Rua da Graça, 164 — Graça — Salvador — BA. (22) Secretariado Nacional do Mov. Nac. da Defesa dos Direitos Humanos (MNDDH): SDS Edif. Venâncio VI — Bl. O, nº 39 — s. 10º — Brasília — DF.

(23) Sede do CESEP: Rua Prof. Sebastião Soares de Faria, 57; 6º andar — S. Paulo — SP. (24) Sede da ASTE: Rua Rêgo Freitas, 530 — F. 13 — São Paulo — SP. (25) Cfr. Decreto Conciliar Ad Gentes, nº 23. (26) Cfr. Decreto Conciliar Unitatis Redintegratio nº 22. (27) Idem nº 3. (28) Idem nos. 6, 7, 8, 9. (29) Secretaria Executiva do CONIC: Rua Senhor dos Passos, 202, Porto Alegre — RS. (30) Cfr. doc. da CNBB, nº 38, definição do Objetivo Geral da Ação Pastoral da Igreja, para os anos 1987-1990. □

---

## PÉ DE PÁGINA

*Pe. Marcos de Lima, SDB*

### **Aqui e na ressurreição**

**Bíblia** — “Ai daqueles que estão tranqüilos em Sião... Ai dos que estão deitados em leitos de marfim, estendidos em seus divãs...”, Am 6, 1.4.

**Leitor** — A vida regalada de poucos é um acinte frente à vida humilhante da maioria. Provoca a ira de Deus porque envolve dureza de coração e injustiça social. Só quem abre a mão e o coração aqui, na ressurreição, terá comunhão com Deus.

### **Só Deus justifica**

**Bíblia** — “Ó Deus, eu te dou graças porque não sou como o resto dos homens, ladrões injustos, adúlteros, e nem como este publicano”, Lc 18, 11.

**Leitor** — Que farsa, encher-se e inchar-se de orgulho! Não rotular as pessoas. Ninguém pode julgar ninguém. Desarmar-se, portanto, de toda presunção e preconceito. Cuidado com o fariseu que pode estar morando dentro de nós. Só Deus é justo. Só ele justifica. Só o seu amor misericordioso e gratuito pode salvar. Rezar não é trocar favores com Deus, mas, atendendo ao seu convite, entrar em comunhão com ele.

# MARCELINO CHAMPAGNAT: UMA OUTRA REVOLUÇÃO FRANCESA

*“O mestre que ama pode dar avisos. O amor que impregna suas palavras confere força de persuasão. Suas advertências são recebidas como testemunhos de amizade. Acreditem nos jovens. Amem-nos, aconteça o que acontecer”.*

## Irmão Luiz Silveira, FMS

A 20 de maio de 1989 completaram-se dois séculos do nascimento de Marcelino Champagnat, o humilde fundador do Instituto dos Irmãos de Maria ou Irmãos Maristas.

Um outro bicentenário, pois o governo francês está empenhado em levar a cabo estrepitosas celebrações, de repercussão internacional, comemorativas de sua revolução, por antonomásia a Revolução Francesa.

O bicentenário de Marcelino Champagnat tem todas as probabilidades de passar inadvertido: primeiro, *“por razão de pessoa”*, como diriam os escolásticos (o protagonista é simplesmente um fundador religioso); segundo, por *“razão de matéria”* (a ação e obra realizada representa apenas um conjunto de heroísmos silenciosos, criações e valores axiológicos, que, habitualmente têm mercado restrito e, dificilmente, suscitam entusiasmo de massa).

Entretanto, trata-se de uma outra revolução francesa de natureza, estilo e conteúdo menos discutíveis.

### 1 — A fé ilumina a vida

Nossa história começa nos olhos de um rapaz. Nossa história, como todas as histórias, nasce de um encontro.

A 28 de outubro de 1816, o sacerdote Marcelino Champagnat visitava um enfermo: um rapaz de 17 anos chamado João Batista Montagne, que nunca tinha ouvido falar de Deus. Durante duas horas Champagnat conversou com ele. (A fé ilumina a vida). Nos olhos de João Batista, que naquele dia se cerraram para sempre, Champagnat descobriu a luz e decidiu fazer *“algo”*. Algo em que já havia pensado.

Por isto, e confiante em Deus, acolheu a João Maria Granjon, operário

agricola de 25 anos, analfabeto, e a João Batista Audras, camponês, adolecente de 15 anos.

Passaram a viver juntos em uma casinha, na aldeia de La Valla. Com algumas tábuas Champagnat fez duas camas e uma mesa. Ali, com toda simplicidade, viviam. Desta maneira nasceu o Instituto dos Irmãozinhos de Maria. Era o dia 02 de janeiro de 1817.

## 2 — O coração de Marcelino Champagnat

Um de nossos primeiros Irmãozinhos, Lourenço Audras, introduziu-nos no coração de Champagnat através de pequenos detalhes:

“Em 1816, Marcelino Champagnat, padre e vigário de La Valla, ficou muito penalizado ao constatar a ignorância que havia nessa paróquia, sobretudo no meio juvenil. Ali ele encontrou um rapaz que ignorava por que estava sobre a terra e nem mesmo sabia que existia Deus. Champagnat resolveu então formar uma sociedade de jovens; instruiu-os pessoalmente e os formou em todas as virtudes a fim de os tornar capazes de dar instrução aos filhos dos camponeses. Ele colocava toda a confiança em Deus, não querendo outros recursos senão a Divina Providência, que nunca lhe faltou.

“Comprou uma pequena casa situada abaixo do presbitério, na qual colocou um jovem que era muito virtuoso. Meu irmão foi o segundo e eu o terceiro. Couturier, ou Irmão Antônio, foi o quarto; depois Irmão Bartolomeu e o caro Irmão Francisco. Fomos, durante certo tempo, em número de seis.

“Nosso bom pai rezava a missa, todos os dias, muito cedo. Inimigo declarado dos preguiçosos, levantava-se sempre muito cedo. Depois da missa, nunca perdia tempo. Gostava muito do trabalho manual. Não se preocupava consigo. Fazia sempre o trabalho mais difícil e perigoso. Foi ele quem construiu nossa casa de La Valla. Nós também fazíamos alguma coisa, mas como não tínhamos sido preparados para isso, não éramos bons pedreiros. A cada instante precisava que ele nos indicasse como fazer. Não raro o trabalho que fazíamos tinha de ser refeito. Quando havia alguma grande pedra a carregar, era ele quem a transportava. Nós nos púnhamos em dois para erguê-la e colocá-la em suas mãos.

“Jamais se irritava com a nossa falta de jeito no trabalho. É bem verdade que nós tínhamos boa vontade, mas éramos muito bisonhos, sobretudo eu. Frequentemente, à tarde, vinha ele todo rasgado, banhado de suor e coberto de poeira, mas muito contente, especialmente depois de ter trabalhado tanto e sofrido muito. Eu o vi muitas vezes trabalhar debaixo de chuva e de neve. Nós largávamos o trabalho, mas ele continuava e muitas vezes com a cabeça descoberta, apesar da rudeza do clima.

“O tempo que não era empregado no trabalho manual era consagrado à oração, à meditação e à nossa instrução.

“Por esse tempo, havia em La Valla uma pobre senhora que só conseguia sustentar o filho a custas de muita dificuldade. Tão logo o Padre Champagnat teve conhecimento de sua pobreza, tomou o menino sob seus cui-

dados; encontrava-se num estado deplorável. O bom padre dispensou-lhe toda a atenção necessária.

“Uma mãe não tem mais ternura por seus filhos que o Padre Champagnat por nós. A comparação não é certa, porque, muitas vezes, as mães amam seus filhos com um amor carnal, ao passo que ele nos amava verdadeiramente em Deus.

“Éramos extremamente pobres no começo. Nosso pão era da cor da terra. Entretanto, jamais nos faltou o necessário. Nosso bom superior, como o mais afetuoso dos pais, tinha para conosco grande solicitude. Recordo-me sempre do sacrifício que se impunha quando eu estava doente em La Vallá. Vinha ver-me todos os dias; nunca deixava de me trazer alguma coisa para me aliviar. Com palavras de consolo, ele me animava a sofrer com paciência e por amor a Deus.

“Com freqüência nos falava do cuidado que a Providência Divina toma em relação aos que colocam sua confiança nEla. Quando falava da bondade de Deus e de seu amor para conosco, punha um tal vigor de persuasão que nos transmitia o fogo divino do qual ele estava incendiado, de tal sorte que as fadigas, trabalhos e todas as dificuldades da vida seriam incapazes de nos abalar.

“Sua devoção à Virgem Maria era tal que a inspirava a todos e dEla falava em todas as instruções; tinha sempre alguma coisa a dizer em louvor a esta BOA MÃE. Queria que a gente se aproximasse dos sacramentos em todas as suas festas e que a homenageássemos com um culto par-

ticular. Ordenou que, em cada estabelecimento, os Irmãos fizessem o mês de Maria com todo o zelo possível, a fim de suscitar nos meninos a mesma confiança e a mesma devoção para com a Mãe de Deus. Dizia freqüentemente: “Se a Sociedade de Maria faz algum bem, se o número de candidatos aumenta, é à Virgem Maria que o devemos. É a esta Boa Mãe que somos devedores de todos os progressos que a Sociedade fez desde o início; sem Ela nada teríamos conseguido”.

“O bom Padre era de caráter alegre e afável, mas firme. Sabia introduzir nas conversas palavras chistosas para alegrar a companhia. Não se embaraçava no trato com os Irmãos: Por vezes nós lhe fazíamos perguntas um pouco capciosas, mas ele não hesitava em responder e o fazia de maneira tão correta que todos os Irmãos ficavam contentes.

“Padeceu muito por causa de certos espíritos mesquinhos, muito difíceis de serem conduzidos. Mesmo assim, eles estavam seguros de ter uma boa parte em suas orações. Depois de haver esgotado todos os recursos para ganhá-los a Deus, como se obstinassem no erro, nada mais lhe restava que despedi-los”.

### 3 — A vida torna o amor possível

Pouco a pouco, mas de maneira profunda, a comunidade dos Irmãozinhos foi crescendo e formando-se em torno da “BOA MÃE”: era assim que Champagnat se referia a Nossa Senhora. (A vida torna o amor possível). Premido pela neces-

sidade, Champagnat contratou um jovem professor para ensinar a seus Irmãozinhos o manejo de classe.

Em seguida, a residência se converte na escola da aldeia. (Nos olhos das crianças começa a educação). Os Irmãos davam catecismo nas aldeias vizinhas. Regressavam pela tarde, contando peripécias e partilhando dificuldades.

Champagnat passou a viver com eles. Ensinava-lhes o que significa ser mestre e educador:

“Para se ter êxito neste ministério de mestre é necessário apreciá-lo e amar as crianças e os jovens. Faz-se mister ainda dedicar a tão nobre tarefa a inteligência, o coração, toda a existência...”.

“A educação não consiste na disciplina nem no ensino; não se consegue com lições de boas-maneiras e de religião. A educação se faz através de relações constantes dos jovens com seus mestres, através de recomendações dadas em particular, de ascendência moral, de palavras que brotam dos contatos ininterruptos entre mestres e alunos...”.

“Educar uma criança é dar-lhe a conhecer seu destino sublime e proporcionar-lhe os meios de conseguilo. Educar um menino é fazer dele um bom cristão e um virtuoso cidadão. Só conseguiremos isto convivendo com as crianças, estando muito tempo com elas...”.

“Para se educar um jovem é necessário tratá-lo com todo o respeito...”.

“A educação é, antes de tudo, fruto do bom exemplo, pois a criança

aprende mais pelos olhos do que pelo ouvido”.

“Para bem educar os jovens é preciso amá-los e amá-los todos igualmente. Não olvidem nunca que as crianças são seres delicados e necessitam ser tratados com bondade, amor, perdão. A educação exige muita paciência”.

#### 4 — O amor é criativo e dinâmico

Marcelino Champagnat, quando garoto, e em seu primeiro dia de escola, presenciou uma cena da qual nunca se esqueceu: viu o seu professor dar uma bofetada em um de seus colegas de classe. Isto foi suficiente para levá-lo a tomar uma decisão importante: “Nunca mais voltarei à escola”.

Quando ingressou no seminário menor era o mais velho e atrasado do grupo. Teve enormes dificuldades em seus estudos. Por isto, em seu coração, começou a pensar em dar uma resposta às necessidades das crianças em idade escolar. (O amor é criativo e dinâmico).

Em dezembro de 1837, escreveu ao ministro da Instrução Pública de Paris:

“Nasci no departamento de Saint-Genest-Malifaux (Loire), e senti — diante das grandes dificuldades que tive que suportar para aprender a ler e escrever — a urgente necessidade de fundar um instituto que pudesse,

---

(Continua na 3ª capa, ao lado)

---



Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299  
20031 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ  
1 de maio de 1990

**Na natureza**, as espécies mais fortes são aquelas geneticamente mais adaptáveis. Elas se desenvolvem porque o meio as obriga a lutar permanentemente pela sobrevivência. Os dinossauros, donos absolutos do próprio território, tornaram-se obsoletos e desapareceram, enquanto **ESPÉCIES**, sem aquela proteção física, sempre **ENGAJADAS** e enfrentando dificuldades, resistiram e prosperaram. **No mundo da cultura** e das comunicações, há uma problemática semelhante. A televisão, curioso paradoxo, é o paquiderme contemporâneo, avassalador, estupefaciente e descansado. Quem ficar de seu lado vai desaparecer. A **LEITURA**, o livro, um espécime das espécies engajadas. Culturalmente, vai vencer.

Se, pela técnica, a televisão pode se gabar de qualidade brilhante e até irrepreensível, pela mensagem, sem ritmo e sem rumo, mostra-se excessivamente sombria. Massifica e aliena. Gera uma imobilidade sonâmbula, esta **confortável ausência de reflexão** que permeia, cada dia mais agressiva, o que destila e impõe ao consciente coletivo. Há uma **tendência à mediocridade**, nesta **MASSIVA** cultura rasa e brasonada, que deveria preocupar. Perdemos a visão crítica, vitimados por sua manipulação que **olha sem ver a realidade** e a recorta segundo intenções e interesses que não saem da sombra. Imobilizados, então, em alguns paradigmas, corremos o risco de viver no reino do 'fantástico' permanente, visceralmente superficial e decorativo, uma sociedade de espetáculo e simulacro, de espírito de ribalta, de fantasmagorias mistificadoras, com minutos de fama para cada um. Cenas emocionantes! 'Emoção pra valer!' O que fica claro, no entanto, nesta dança de emoções, é a fratura consolidada na consciência pela força da imagem como padrão de referência do comportamento.

O mundo da TV anda precisado de um **Departamento de Idéias Ousadas** para implantar, em outros moldes, novas gerações sobreviventes do passado e parceiras do futuro. Gerações capazes de crer na utopia de ser possível endireitar até a sombra de varas tortas. Quando uma geração não se diferencia da que veio antes nem daquela que virá depois, então, todas as gerações deixam de existir. A **LEITURA**, por seu poder criador, embora incapaz de suscitar entusiasmos imediatos, aponta para o caminho neste espanto atarantado. É decisão que pode dar resposta ao desafio. Ler é a **arte de vencer** a acedia intelectual **cedendo** à curiosidade mental. **Vencer cedendo**, mentalidade dialética, compatível com uma vida que pretende ser inteligente. Ler desperta expectativas e especulações. Exige tempo de maturação necessário para a absorção. Ler não produz resultados automáticos, mas é estágio sem sucedâneo para demonstrações futuras de amadurecimento real.

Hoje, talvez, ninguém faça objeção teórica a este enfoque. Mas, na realidade, o assunto perde nitidez à medida em que os **princípios devem se transformar em decisões pessoais concretas**. Por entre as flutuações da alma humana, sente-se que o mundo é mesmo bifocal e, por isso, a vida nem sempre obedece à lógica do pensamento. Aos poucos, muitos ficam na **suspeita generosidade das intenções**. Sempre será grande a tentação de esquecer a teoria para introduzir uma prática diária que lhe opõe. Passa o tempo e a rede de situações opostas à teoria forma um quadro desolador. Não terá chegado a hora de os fatos ousarem inovar antecipando-se ou, pelo menos, impondo-se às nossas muitas palavras?

O hábito de ver televisão não vai mudar de graça, em nossa vida, nem sair de cena, em surdina. A televisão contém um encabulado toque mítico e místico. Mas **será preciso EDUCAR-SE**, com base na razão e na reflexão. Saber dosar o grau da dificuldade e motivar-se para realizar o possível que exige esforço para conduzir à autonomia. **VER** televisão, sim, e **LER com predominância**. Solução coerente com a teoria na prática. Ler mais e ler melhor. Ler desenferuja a cabeça. Aumenta a capacidade de desempenho para lidar com os próprios problemas profissionais e pessoais. Ensina a decantar idéias e fatos e ilumina panoramas de incerteza para formar opiniões e partilhar convicções. Experimente.

Desejando-lhe **toda PAZ** — consigo, com o próximo, com Deus — e **todo BEM**, com exclusão da injustiça e da opressão, agora e sempre, ao seu inteiro dispor, com renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente,

PE. MARCOS DE LIMA, SDB  
Redator-Responsável  
Convergência e Publicações CRB